

Trilogia da imaginação

Doc Comparato
Eterno

teatro



Trilogia da imaginação

Doc Comparato
Eterno

teatro



Número de Registro SGAE 9761097

ETERNO[©]

ou

Xanadu, no limite da criatividade

ou

No inalcançável das coisas

Peça de teatro de
DOC COMPARATO

Terceira peça da trilogia da imaginação.

Rio de Janeiro / Copacabana / Julho / 2006

Copyright Warning

The plays here for sale are under registered copyright © by the author under the The General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) and also The Brazilian Society of Music and Arts (ABRAMUS). Copying the part or the entirety of these plays or using any copyrighted materials other than what the law allows may be subject to prosecution.

You are not allowed to copy, reproduce, broadcast, display, stage these plays or publish them on other web sites without prior written consent from the author. Under no circumstances the material can be used or published, in any way, for commercial or promotional purposes without prior authorization from the author.

Advertência

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização do autor para esses propósitos.

SGAE (Brasil) – Site: <http://www.sgae.es>

E-mail: v.santiago@sgae.com.br

ABRAMUS – Site: www.abramus.org.br

E-mail: guilherme.amaral@abramus.org.br

Edição digital: junho 2013

ISBN: 978-85-8245-058-1

Arquivo ePub produzido pela [Simplíssimo Livros](http://www.simplissimo.com.br)

Esta peça é inteiramente de ficção e conta a história dos dias secretos de Orson Welles no Brasil. Trata-se portanto da visão pessoal de DC sobre a figura do cineasta seminal do século XX.

Para o novo mundo da imaginação. Para os meus netos.

DC, 2006

ETERNO[©]

DC

AVISO:

**ESTA PEÇA CONTÉM CENAS IMPRÓPRIAS
PARA MENORES.**

Lendo o Teatro de Doc Comparato

Antigamente os editores fugiam de certos tipos de livro porque diziam que não vendiam: teatro, poesia, biografias... Com o e-book isso tudo mudou. Todos os gêneros são bem-vindos. E resolvemos investir em dramaturgia, na obra teatral do dramaturgo Doc Comparato.

Ela é bem diversificada, pois o autor rodou o mundo e viveu em diversos países. Seu livro sobre roteiro é utilizado em vários idiomas. E seu teatro?

Ele dividiu seu trabalho em três trilogias: **Trilogia do Amanhã**, composta de peças escritas nos anos 1980 e 1990: *Plêiades*, *O Beijo da Louca*, que recebeu o antigo Prêmio Nacional de Teatro, e *O Despertar dos Desatinados*, texto inédito até hoje.

Depois veio a **Trilogia do Tempo**, constituída por peças escritas até o ano 2000: *Nostradamus*, *Michelangelo* e *O Círculo das Luzes* – todos os textos encenados no Brasil e na Itália. *Nostradamus* recebeu o prêmio Anna Magnani.

Sua última trilogia, a da **Imaginação**, é formada por seus últimos trabalhos, que consistem em textos inéditos escritos recentemente. E é justamente por aí que vamos começar. Pelos mais novos trabalhos do dramaturgo. As peças são: *Sempre*, *Jamais* e *Eterno*. Com uma capacidade imagética impactante, ele nos traz a figura de uma escritora de livros infantis, Calabar e os dias secretos de Orson Welles no Brasil. Em textos aparentemente simples, mas recheados de significados.

Vale a pena ler e imaginar o espetáculo.

Fora as trilógicas, Doc possui **outros textos** que vamos incluir nesta primeira leva de edições digitais. A peça infantil *A Incrível Viagem, Lição N.º 18* e *A Misteriosa Morte do Supremo Imperador da China e Outras Histórias*.

Antes de terminar é bom lembrar que este material é licenciado somente para leitura.

Bom espetáculo!

ÍNDICE GERAL

1 – Introdução

2 – Notas iniciais

3 – Começa o espetáculo

4 – Índice das cenas

5 – Texto teatral

6 – Termina o espetáculo

7 – Anexos:

- Depoimento de Doc Comparato
- Biografia sumária de O.W.
- Currículo de Doc Comparato

INTRODUÇÃO

Se alguém espera encontrar neste texto teatral uma biografia sobre O.W., está redondamente enganado. Aliás, existe extenso material biográfico ao alcance de qualquer pessoa.

Em todo o caso, seria bom recordar que apenas com seu primeiro filme, *Cidadão Kane*, O.W. transforma a linguagem audiovisual para sempre.

O mundo vivia os horrores da Segunda Guerra Mundial, enquanto O.W. impactava as artes fazendo do *flashback* uma das linguagens do cinema.

O *flashback* transforma a memória do personagem em ação, em uma cena ao vivo, torna o abstrato em algo encenado e real.

Atualmente, mais de cinquenta anos depois, o recurso do *flashback* é utilizado até em desenho animado.

Estamos tão introjetados dele que já aceitamos, sem contestar, que a memória do personagem se torne ação e, portanto, “verdade e vida”.

O.W. sofisticou o pensamento do tornar “o abstrato de um ser inventado” em algo encenado e efetivo. Seria assim como a visão do “abstrato do abstrato”. O passado “inventado” do personagem “inventado” passando como se fosse o presente do personagem “inventado”. Tudo “inventado” e espelhado. Criatividade pura.

A guerra se foi, mas o *flashback* ficou.

Naquela época a maioria da plateia não entendia o filme de O.W., apesar de perceber que atrás daquele truque existia uma ferramenta duradoura para se contar um filme.

E no auge da glória e da incompreensão, o improvável acontece.

Tinha 28 anos e resolve filmar sua terceira obra-prima no Brasil. Um país esquecido e remoto em 1942.

O filme se chamaria *Tudo é Verdade*, e O.W. queria um filme realista, bem distante da ficção desvairada dos trabalhos anteriores.

Chegou ao Brasil como uma celebridade planetária e saiu enxotado. O filme que rodou nunca foi terminado. Existe em pedacinhos.

Acidentes e incidentes marcaram sua passagem pela costa do Brasil. Um dos atores do filme, um jangadeiro, se afogou em suas filmagens.

Mas não vou contar nada disso. A peça vai nos remeter para os dias secretos de O.W. nas praias atlânticas. Nas dunas de um lugar que parecia um paraíso. Durante as filmagens, assim contam os livros, O.W. desapareceu com um *jeep* pelo litoral. Sumiu dois dias. Queria se aliviar de tanta tensão, pode ser.

O certo é, como ele mesmo afirmou, sua vida foi sempre ao contrário: “Começou pelo topo e depois foi pela ladeira abaixo.”

“Sou um gênio que perdeu o talento”, declarou ao deixar o Brasil.

Talvez. Tudo é possível. Porque se escrevemos até agora verdades e fatos da vida de O.W., a partir deste instante não cairemos em mentiras, mas no luminoso e obscuro campo da imaginação, no qual tudo é possível se credível.

O que teria acontecido de verdade durante seu desaparecimento? Resposta: nem mentiras ou muito menos verdades, só uma torrente de especulações. Só imaginação. Bem ao estilo O.W.

Bem-vindos ao teatro.

Bem-vindos ao espetáculo.

DC / Copacabana / Julho / 2006

NOTAS INICIAIS

A PEÇA

Acontece nas areias do Ceará. Estamos em 1942 e no Nordeste do Brasil.

A CENOGRAFIA

Somente três componentes: a areia, o céu e uma língua de água.

Observar que o céu é um fundo infinito, onde podem ser projetadas sombras ou emitidas imagens. A escolher.

A cenografia pode ser simples (a língua de água feita de um tecido largado no chão), ou complexa. Dependerá da visão da direção e da capacidade da produção. As opções são múltiplas e variadas.

OS PERSONAGENS

São seis:

- 1- Orson Welles, o cineasta (homem jovem)
- 2- Madalena, a moça (jovem)
- 3- Miguel, o pai (homem maduro)
- 4- Malaquias, o guia (homem maduro)
- 5- Eva, a mãe (mulher madura)
- 6- Bento, o rapaz (jovem)

Nota: os personagens não falam com sotaque nordestino carregado ou cearense. Falam um português límpido, tipo o do Maranhão.

LUZ E ADEREÇOS

São fundamentais e estão marcados no texto. A música é também indicada.

COMEÇA O ESPETÁCULO

Ao entrar no teatro, o espectador se depara com uma instalação sobre a bomba atômica.

São cartazes, imagens, ou até um desenho. Enfim, trata-se de uma pequena exposição.

O importante é que fiquem ressaltados os malefícios das armas nucleares.

Entra-se no mundo de Hiroshima e Nagasaki.

DC

ÍNDICE DAS CENAS

1. Cena do Ovo Selvagem. (amanhece)
2. Cena do Cavalete. (dia)
3. Cena da Tempestade. (dia)
4. Cena da Esteira de Palha. (dia)
5. Cena do Charuto. (tarde)
6. Cena do *Whisky*. (tarde)
7. Cena do Fogo. (noite)
8. Cena do Cacto. (noite)
9. Cena da Lua. (noite)
10. Cena da Rede. (noite)
11. Cena da Cabeça. (madrugada)
12. Cena do Coqueiro. (amanhece)
13. Cena da Jangada. (dia)
14. Cena da Faca. (dia)
15. Cena da Cidade. (noite)

ETERNO

*(Tudo escuro.
Abre o pano.)*

CENA 1

CENA DO OVO SELVAGEM

(Borda da água / Dunas / Ceará / 1942 / Amanhece)

(Luz ganha intensidade.)

(Amanhece.)

(Madalena, tal moça brejeira vestindo um encorpado vestido de chita, molha e lava três ovos grandes de alguma ave selvagem. Ela está de cócoras.)

(A água brilha e reflete, parece espelhada.)

(Instantes.)

(Da bruma e da penumbra nasce a luz que delinea um cavalete de pintor, espetado no topo de uma das dunas de areia.)

(Ela segue distraída limpando os ovos, enquanto a presença do cavalete vai tomando corpo até reinar sobre a paisagem cenográfica.)

(Enfim ela se vira e enxerga o cavalete suspendendo uma tela sem que se veja a pintura.)

(Os ovos são largados.)

(Madalena perde a respiração. Fica estarecida, vai se aproximando do cavalete como se fosse um totem, algo divino.)

(Instantes.)

(Existe medo e admiração.)

(Poço de êxtase e surpreendência, o dedo de Madalena por fim toca com cerimônia o cavalete como se fosse um objeto sagrado. Um ídolo.)

(A encenação deve ser plasticamente esplêndida.)

(Cheia de energia grita enquanto chama.)

MADALENA

Pai. Paia... Pai! Pai!

(Instantes.)

(Tudo escuro.)

CENA 2

CENA DO CAVALETE

(Dunas / Céu com fundo infinito / Lâmina de água / 1942 / Dia)

(Luz retorna em dia no céu e na terra.)

(A lâmina de água fica azulada como o mar.)

(Com o cavalete no centro, vemos Miguel, o pai, Eva, a mãe, os filhos Bento e Madalena admirando em roda o exótico objeto.)

(Lembrar que estamos nos trópicos e que as cores são fortes, intensas e amplas.)

(Também que faz calor e as roupas são simples. Calções, camisetas, camisas brancas, vestidos de chitas.)

(A vestimenta simples não tem por que não ficar elegante. Aliás, estamos em 1942. No ápice da moda tropical.)

*(O grupo em círculo admira entre perplexidades o cavalete de pintor.)
(Instantes.)*

(Alguém quebra o silêncio.)

MADALENA

Não disse. Um cavalete de pintor e tudo. Tem tinta e pincel.

MIGUEL

Não sou cego.

MADALENA

Posso experimentar pintar, pai?

MÃE

Ai, minha mão dói. Olha a ferida.

(Mãe mostra a mão com o curativo.)

MÃE

Ouve seu pai, Madalena. Madalena. Isto deve ser dos forasteiros acampados do outro lado da ribeira. Melhor não tocar.

(Silêncio.)

PAI

Isto é um cavalete. De pintor. Não é máquina de fazer filme, porque máquina fotográfica conheço.

(Pai se aproxima de Eva.)

PAI

O que foi que o Bento disse? Diga, mulher. Ele sonhou com quê?

BENTO

Não sonho, pai. É uma voz que escuto.

PAI

Repete. O que disse a voz?

(Silêncio.)

(O pai é imprevisível de humor. Subitamente se torna irritadiço.)

PAI

O que disse a voz?!

BENTO

Que quando Madalena pintasse sua figura no pano branco, tudo iria mudar.

PAI

Pintar o semblante no pano branco?

BENTO

É.

PAI

E o que mais?

BENTO

Seria então que...

(Mãe interfere.)

(Pai se acalma.)

MÃE

Não. Miguel, me escute: somos uma família de pescadores, não há razão para se atormentar. Somos o que somos, meu marido. E levamos nossa vidinha... Como dói minha mão.

PAI

Sou só um pescador que quer ter uma vida tranquila de homem igual aos outros, Eva. De repente tenho um filho que ouve vozes do Eterno!

MÃE

Vozes não! Fala com Deus.

(Silêncio.)

(Instantes.)

BENTO

Assim que o pai se prepara...

MADALENA

Porque o tio Malaquias vai chegar. Vai vir sim.

MÃE

Não entendo tanto ódio de família...

MADALENA

O que tio Malaquias vem fazer aqui?

PAI

É. O que vem o Malaquias fazer aqui? Neste fim de mundo? O Eterno não contou não, Bento?

(Silêncio.)

(Bento irônico.)

BENTO

Fiquei surdo nesta hora. Surdo!

(Miguel se torna feroz.)

(Bento sai correndo pelas dunas como um menino travesso, mas para ao ver os ovos de pássaros.)

MADALENA

Cuidado!

(O pai agarra Bento pelo pescoço. Espreme com força progressiva, por trás, o pescoço do rapaz, que vai sendo baixado até que sua cara esteja enterrada na areia.)

PAI

Quanto mais alegria tem, mais raiva me dá. É quase uma “comichão”.

BENTO

Quero ir embora daqui.

PAI

Só quando for homem. Ainda é rapaz. Dezoito anos como manda a lei.

BENTO

Que lei?

PAI

A mesma que vai te fazer subir naquele monte de areia, e perguntar à voz quando o desgraçado do Malaquias vai embora.

BENTO

Não é assim que funciona, pai.

PAI

Pois vai ser hoje! A voz vai acontecer do modo que mando.

(A cara do rapaz está espremida na areia junto aos ovos.)

(A mãe e a filha caladas.)

PAI

Vai ser assim: antes de chover. Olha para o céu. Não vê?

(Bento levanta os olhos.)

PAI

O céu vai se rachar! Vai vir uma tempestade: areia para todo lado. As dunas mudando de lugar. Um vento mexendo nas areias para ninguém se achar. E Bento, o estropício que fala com o Eterno, no meio do nada, esperando que a voz diga quando Malaquias vai embora! Quero saber quando o desgraçado vai voltar para onde veio!

(A cabeça do rapaz é enterrada na areia pela mão do pai.)

(Instantes.)

(Cai a luz.)

(Som de tempestade sobre as dunas, e o mar toma conta.)

CENA 3

CENA DA TEMPESTADE

(Dunas / Ceará / Dia)

(Iluminação concentra-se nas areias.)

(Do teto escorrem correntes de areias que formam outra duna. Trata-se de uma cortina de fina areia.)

(Música.)

(Ouve-se o vento.)

(Instantes.)

(Bento se aproxima da areia que escorre.)

(Miguel, o pai, se apresenta.)

PAI

Diga! Quero que o Eterno te responda!

(Bento tenta falar, projeta palavras incompreensíveis e seu corpo treme de ansiedade. Tenta escutar, mas não há voz.)

PAI

Antes que chegue a chuva! Agora! Junto com o vento!

(Bento tenta.)

BENTO

Não escuto nada!

PAI

Escute a voz!

BENTO

Não consigo!

PAI

Fala com o Eterno! Ou vai ficar aí, de baixo do dilúvio da areia. Fala com o Eterno ou coma areia!

(Bento, desesperado, entra debaixo das correntes de areias que desabam. É angustiante. A areia invade o rapaz.)

(Silêncio. Tudo escuro.)

CENA 4

CENA DA ESTEIRA DE PALHA

(Dunas / Água / Céu / Dia)

(Luz ganha intensidade no céu. Fundo infinito.)

(É dia.)

(Sobre uma das dunas vemos estendido sobre a areia um aparelho transmissor, um rádio portátil americano típico da época. Trata-se de um aparelho com relógios de madeira escura e metal, e que possui alto-falantes. É um caixote com válvulas, o mais moderno do exército americano em 1942.)

(O transmissor repousa sobre uma esteira de palha alargada e grossa.)

(Há um cabo que sai do aparelho e se perde na areia.)

(Vemos Malaquias mexendo no aparelho transmissor.)

MALAQUIAS

Mister. Mister! Está bom aqui, ou ponho mais para lá? Para cá ou para lá? A antena!

(Malaquias tenta mover o aparelho.)

(Ouve-se uma voz em off, grossa, falando palavras distorcidas.)

MALAQUIAS

O quê? O quê? Não entendi. Não dá para ouvir com o vento zoando. Para aqui ou para lá?

(Instantes.)

(Exalta-se a voz em off.)

MALAQUIAS

O quê? O ponteiro do relógio está mexendo?... Qual deles?... Oh, Mister Welles! Vou lhe dar um conselho: não fica por aí, andando pelas dunas. Esse areal é o maior do mundo. O mais traiçoeiro! Tem ninho de escorpião em todo lado. Para se perder é um tantinho de nada. Sabia que tem gente enterrada pelas areias? Escuta, fica perto do *jeep* e não perde o mar de vista. Mister?

(Outra voz em off.)

MALAQUIAS

O quê? Não é mais o relógio... Então é só apertar o botão e rezar para não dar curto-circuito.

(Instantes.)

MALAQUIAS

Então lá vai.

(Malaquias mexe na máquina.)

(Depois de um chiado curto, um outro longo, há uma chiadeira infernal que se transforma numa música cheia de fanfarras e alegrias. Pode ser clássica ou da época.)

MALAQUIAS

Mister Welles! Mister Welles, funcionou! Funcionou!

(Instantes.)

(Música sobe, luz desvanece: Orson Welles, aos 28 anos, aparece no topo de uma das dunas. Veste terno branco e um chapéu de palha.)

(Instantes.)

(Cai luz e música.)

(Sua aparição é surpreendente.)

O.W.

Claro que funciona, Malaquias. Lembre-se: o engenho humano não tem fronteiras!

(Instantes.)

O.W.

Minha mãe foi uma grande pianista, dizia que ao contrário do que conta a Bíblia, o Universo não nasceu numa explosão de luz. Foi criado através de uma sinfonia.

MALAQUIAS

Que bonito.

O.W.

A sinfonia do silêncio...

(Instantes.)

MALAQUIAS

Whisky.

O.W.

Whisky.

(Malaquias enche o copo de O.W. de whisky.)

O.W.

Charuto.

MALAQUIAS

Charuto. E óculos escuros. Se eu não fosse Malaquias, o melhor guia da costa do Atlântico.

(Malaquias acende o charuto na boca de O.W. Depois entrega os óculos de lentes verdes estilo ray-ban.)

(Instantes.)

(O.W. coloca os óculos.)

(Toda a luz se torna verde. Areias, águas e céu ficam verde.)

(Instantes.)

MALAQUIAS

Tudo bem?

O.W.

Ok. Onde está o cavalete?

MALAQUIAS

Que cavalete?

O.W.

Para pintar. Relaxar minha mente e corpo, enquanto espero esta notícia de vida ou morte que não chega de Hollywood. Da América.

MALAQUIAS

Um momento: o mister queria pintar ontem.

O.W.

Ontem. É exato. Pedi para arrumar o *jeep*. Por que “hoje” iria desaparecer do acampamento de filmagem.

MALAQUIAS

Todo mundo vai ficar preocupado com sua ausência. Depois a culpa vai ser minha...

O.W.

E o cavalete?

MALAQUIAS

Ah, sim. O cavalete? Sumiu. Sumiu. Desapareceu. Deve ter sido a tempestade de areia. Deixei bem ali. O vento.

O.W.

Quero pintar. Preciso pintar. Fazer alguma coisa... Será que não entendeu: é uma notícia de vida ou morte!

MALAQUIAS

Os patrões de Hollywood querem cortar e destruir seu novo filme!

O.W.

É isso! Como sabe?

MALAQUIAS

Como sei? Escuto. Tenho duas orelhas... Inventou o *flashback*. Não foi?

O.W.

Inventei o *flashback*.

MALAQUIAS

Já está alegrinho. Pois é: o *flashback*... Para que serve o *flashback*?

O.W.

Para atrapalhar o tempo. Trata-se de uma nova forma de se contar uma história.

(Instantes.)

MALAQUIAS

De todas as formas, não conseguiria pintar mesmo. As lentes verdes atrapalham a visão.

(O.W. tira os óculos.)

(Luz volta ao normal.)

(Aparelho transmissor chia, pisca e se apaga.)

MALAQUIAS

O engenho humano.

(Instantes.)

(O.W. fica desesperado.)

O.W.

Meu Deus! Isto não poderia ter acontecido! O rádio transmissor.

MALAQUIAS

Ficou mudo.

(O.W. mexe no aparelho.)

O.W.

Sem comunicação. Sem música.

MALAQUIAS

Sem a notícia de vida e morte.

O.W.

Deve ter sido a bateria do *jeep*.

(Silêncio.)

MALAQUIAS

Não gosto deste areal.

O.W.

O que tem de mal a areia? É limpa, Malaquias. Limpa! Agora vá até o *jeep* e religue a bateria. Vamos tentar de novo.

(Instantes.)

MALAQUIAS

Mister Welles. Pense bem: não seria melhor voltar para a cidade? O cavalete sumiu, o radiotransmissor não funciona... Sinceramente... Não tenho boas recordações deste lugar... Aliás esta história de piquenique nos trópicos é sem pé nem cabeça. É uma maluquice só.

(Instantes.)

O.W.

Whisky.

(O.W. tira o chapéu e desveste o casaco.)

(*Malaquias serve whisky.*)

O.W.

Ninguém me entende. Ninguém me escuta. Ao menos o Eterno me ouve!

MALAQUIAS

...Um homem tão inteligente. Viajou mares e continentes. Fala várias línguas. Aprendeu a falar português como se fosse um passarinho comendo alpiste. Fez o maior filme do mundo: o *Cidadão Kane*. Inventou o *flashback*. Inventou o *flashback*! Uma espécie de relógio que conta o tempo ao contrário. Isto é extraordinário. Quase eterno. Que tanto se lamenta?

O.W.

Ninguém me escuta...

MALAQUIAS

O homem mais importante do planeta. Da América. Que filma no meio de uma Guerra Mundial.

O.W.

A guerra. É verdade: o mundo está em guerra.

MALAQUIAS

Claro que estamos em guerra. O mundo sempre está em guerra.

O.W.

Dizem que Hitler, senhor do III Reich parou a guerra para assistir meu filme: o *Cidadão Kane*.

MALAQUIAS

E gostou?

O.W.

Saiu no meio da sessão.

MALAQUIAS

Não gostou.

O.W.

Não entendeu os *flashbacks*.

MALAQUIAS

É. Esse tal de *flashback* deve ser uma complicação só.

O.W.

Cinema é ilusão de óptica. É uma das musas da dramaturgia. E para que serve a dramaturgia? Para ampliar o conceito de vida. Para despir o muro das normalidades. E empurrar tudo até o eterno!

MALAQUIAS

Podia ter avisado as pessoas sobre esses assuntos. Antes de começar a sessão do seu filme, treinava elas.

O.W.

Não é assim que funciona. Não se ensina, é feito para arrebatrar a emoção do outro. Fustigar o germe da beleza que qualquer indivíduo traz no coração.

MALAQUIAS

Existe gente lenta mesmo. Não se aflija, mister. Um dia, quem sabe, acordam e descobrem que estão contaminados pelo germe. Não se aflija.

O.W.

Talvez seja tarde... É uma sensação.

MALAQUIAS

Que sensação, Mister Welles? Já tão jovem estancou o planeta com seu primeiro programa de rádio. Depois, como se parecesse pouco, faz uma guerra mundial estancar por causa de um filme. Uma película. E um filme que ninguém entende.

O.W.

Extraordinário. Detive a verdade com uma mentira do mesmo calibre: o *flashback*.

MALAQUIAS

Muito bem. Já está alegrinho... Então, vamos voltar para o Grande Hotel, ou o acampamento de filmagem, como queira... tanto faz. Vou começar a arrumar os trabalhos. E esqueça esta notícia de vida e morte!

(Instantes.)

O.W.

Whisky.

(Silêncio.)

(Reação de Malaquias.)

O.W.

É uma sensação, Malaquias... Uma premonição de que minha vida começou pelo cume... e de que agora em diante, será uma ladeira abaixo... Enxergo derrota e ninguém me escuta. Cheguei ao topo do universo... Se der um passo à frente, caio no abismo.

MALAQUIAS

Vou recolher tudo. Acho que o passeio acabou. *Whisky* com calor sobe para a alma.

(Instantes.)

(Malaquias recolhe alguma coisa e caminha sobre uma duna, saindo em direção ao jeep que não se vê.)

(Malaquias subitamente se detém no topo de um monte.)

MALAQUIAS

Não pode ser... Tomara que não seja ele.

O.W.

O que foi?

(O.W. se aproxima.)

MALAQUIAS

Não vê? Olhe bem. Lá longe. Gente caminhando em nossa direção.

(Instantes.)

MALAQUIAS

Tomara que não seja ele.

O.W.

Parece uma família.

MALAQUIAS

Vamos embora.

O.W.

É uma família. E se eles precisarem de alguma coisa?

MALAQUIAS

Eles não precisam de nada.

O.W.

Conhece eles?

MALAQUIAS

Só de vista. Não tenho parentes por estas bandas.

O.W.

Então. Vamos nos divertir!

MALAQUIAS

Como assim?

O.W.

Vamos nos divertir. Vá buscar minha caixa de mágica no *jeep*. Vou fazer mágicas para eles.

MALAQUIAS

Não. O mister não conhece esse povo. É gente estranha. Não há mágica que faça eles felizes. Vivem pelo areal. Eles não têm raízes nem pouso.

O.W.

Isso veremos, Malaquias. Primeiro preciso da caixa das mágicas que está no *jeep*.

MALAQUIAS

Tomara que não seja ele... Tomara... É ele. Sabia. Não devia ter vindo para estas bandas. É ele. E agora?

O.W.

Ele quem? Quem é ele?

MALAQUIAS

Quer dizer, essa família. Não importa. Vamos embora.

O.W.

Vou fazer mágica.

MALAQUIAS

Talvez eles já tenham mágica suficiente.

O.W.

Aqui? Onde nada acontece? Mágica? Onde?

MALAQUIAS

Não se engane, Mister Welles.

O.W.

Isto veremos. Vou buscar a caixa e ativar as baterias. Enquanto isso, fica aqui e recebe a plateia. Explica quem sou para a plateia.

MALAQUIAS

Plateia?!

O.W.

É modo de dizer.

(Instantes.)

MALAQUIAS

Parece um garoto mimado.

O.W.

Sou um garoto mimado. Todas as minhas dezessete babás sabiam disso.

MALAQUIAS

Vamos embora daqui, mister.

O.W.

Depois. Deixa primeiro aquela nuvem gorda passar pelo sol.

(O.W. se retira.)

(Instantes.)

MALAQUIAS

Ela está tapando a luz.

(Intensidade de luz se transforma.)

(Uma enorme sombra vai cobrindo as dunas.)

(Mudança de luz.)

(Instantes.)

(Das diversas entradas de palco vai surgindo a família. Toda vestida de domingo, isto é, em suas melhores roupas tendendo para a cor branca.)

(Aparece Bento, depois Madalena e Eva, por fim Miguel.)

MALAQUIAS

Miguel.

MIGUEL

Quem é aquele homem, Malaquias?

MÃE

Se veste bonito. Parece até que veio de São Paulo... Olha, Malaquias, feri a palma da minha mão. Tenho uma chaga.

(Mãe mostra o curativo na mão.)

MADALENA

Tio Malaquias, como se chama o moço de filmagem?

MALAQUIAS

Mister Welles.

BENTO

Tio Malaquias, o que ele faz na filmagem?

MALAQUIAS

Tudo. Sai tudo da cabeça dele.

MIGUEL

Nós também sabíamos que você chegaria.

MÃE

O Bento tem essa capacidade. Sai tudo da cabeça dele.

MALAQUIAS

Imagino. Ele continua escutando vozes?

MÃE

Não. Ele fala com Deus... Aqui acontece tanta coisa.

MIGUEL

Por que voltou?

MÃE

Depois de tanto tempo, Malaquias.

MALAQUIAS

Sou guia, Eva. Faço meu trabalho. O gringo tomou um porre. Uma bebedeira. *Whisky* no quengo. E resolveu sair sem rumo.

MIGUEL

Não pode ser assim tão simples...

MALAQUIAS

Mas é. Não começa com cismas e caraminholas na sua cabeça, Miguel. Foi assim que sucedeu e se acabou. Não tive a intenção de invadir seus domínios. A visita é resultado do acaso.

(Silêncio.)

(Instantes.)

MALAQUIAS

O cavalete... Lembrei. Alguém viu um cavalete largado pela areia? Um cavalete de pintor com tela e tudo.

MIGUEL

Malaquias, o que o mister veio fazer aqui mesmo?

MALAQUIAS

Ele é o patrão. Ele manda.

(Silêncio.)

MALAQUIAS

Quer saber? Ele veio fazer: mágica. Mágica!

(Mudança de luz.)

(O aparelho transmissor se acende.)

(Entra música.)

CENA 5

CENA DO CHARUTO

(Dunas / Água / Céu / Início da tarde)

(Mudança de luz.)

(Transmissor emite música.)

(Entra O.W. vestido de mágico, com cartola e tudo, segurando uma bandeja apoiada num tripé.)

(Foco sobre O.W.)

(Sobre a bandeja existem três taças de cristais.)

O.W.

Senhoras e senhores, eu mesmo! Mister Orson Welles!

(Ele faz a mágica com os copos de cristal enquanto discursa.)

O.W.

Vejam esta taça de cristal da mais fina textura. Chegou da Bavária. O que tem ali? O que tem aqui? Nada. Nada. Como o infinito mais escuro, onde a luz não alcança. Como o olhar da minha mãe. Pianista das pianistas. Cada tecla para ela era um poema... Uma beleza distinta, como as cores! Em fantasias e além... E agora as palavras! Palavras! Mágicas! Atenção: Xanadu, Xanadu e Xanadu! Então? Onde está a mágica? Minha mãe morreu quando eu tinha oito anos. Alguém acha justo? Um órfão aos oito

anos... Ela tocava piano e morria... lançando sangue pelos brônquios... Oh! Vermelho como te deploro. O sangue é vermelho... Oh! O segundo cálice tão vazio como o nada. Pura matéria em ruína. É um nada. Um nada! E o terceiro cálice, tão vazio como os outros dois. Tão cheios de ar. E... Alá! Jesus! Todos os Santos! Zaratustra! Moisés! E todos os ídolos! Xanadu! Xanadu! Xanadu! Senhores dos céus e infernos! Onde está a moeda de ouro? A moeda de ouro que veio do outro lado do mundo! Foi o grande mestre das mágicas que me ensinou: “Olhe para o nada e encontrará vida.” A vida de uma moeda de ouro! Oh! Mestre dos mestres, onde está a moeda de ouro? Onde? No nada e no tudo. No meu nascimento, no primeiro sexo, num único beijo. Xanadu! Xanadu! Unicórnios e fadas. Meu pai milionário, minha mãe artista. Ela morre. Lança sangue sobre o piano: lembro até hoje. E ele, ele, ele, ele, pai rico, uma noite perguntou: – Que tipo de artista quer ser quando crescer? Respondi: – Mágico profissional. Por remorso ou por paixão determinou: – Orson Welles, sua educação será a mais primorosa e total. Vamos conhecer o mundo, o universo, o saber... A mágica da vida. A imaginação. Meu pai foi um mestre que me fez conhecer os homens! A vida! O conhecimento! A existência. Xanadu. Xanadu três vezes! Estive na Índia, vi castas e divindades, vi um chinês envenenar um cão, as cartas do Tarô, comi peixes que ainda lutavam pela vida e depois adormeciam no ventre de moças lascivas. E era salgado: o peixe! Sal. Sal. E surge a moeda de ouro tão invisível como permanente. E onde está o truque, a mágica, a verdade? Da terceira taça de cristal nasce o ouro. O ouro! Xanadu! Xanadu! Xanadu! Que se faça ouro em pó.

(Do terceiro cálice surge um pó amarelado e reluzente.)

(Instantes.)

(O.W. sopra o pó dourado.)

O.W.

Mas infelizmente nós não podemos comer ouro, nem nos alimentarmos de prestígio. Porque somos um nada na nata do imprevisível.

(Sobre a bandeja mágica surge um dólar de ouro.)

O.W.

Nesta mão nada. Nesta também. E... Xanadu! Um dólar de ouro para o cavaleiro!

(O.W. entrega o dólar de ouro para Miguel, o pai.)

O.W.

E acendo um charuto!

(O.W. acende um charuto.)

O.W.

Fumaça para lá. Fumaça para lá é o odor da natureza pegando fogo. Fogo! Fogo! Xanadu! O calor das francesas, das mancas e desamparadas! É Xanadu!

(O.W. passa o charuto debaixo da mesa, que se transforma num buquê de flores.)

O.W.

Voilà! Os Jardins Suspensos da Babilônia! Flores! O charuto se transforma num buquê para ser oferecido à madame!

(O.W. entrega as flores para Eva, a mãe.)

MALAQUIAS

Viva o Mister Welles! Palmas para ele!

(Todos batem palmas.)

O.W.

E agora para a senhorita do areal. A moça *mademoiselle*!

MALAQUIAS

Cuidado, mister.

O.W.

A princesa do deserto! Desejo do desejo, pois não existe nada mais prazeroso do que um homem dentro de uma mulher! Xanadu! Tiro as taças de cristal do lugar. Movo esta para lá, esta para cá. E vai surgir a prenda mágica! Xanadu. Xana...

(Instantes.)

(Luz se transforma.)

(Música total é interrompida.)

(O aparelho transmissor pisca, chia e emite estranhos e irritantes ruídos.)

(Tempo.)

(O.W. se aproxima do aparelho transmissor.)

O.W.

A notícia! Chegou a notícia, Malaquias. Vou acertar a frequência.

MALAQUIAS

O aparelho está piscando. E o relógio mexendo.

O.W.

Os fones de ouvido!

MALAQUIAS

Os fones.

(Malaquias ajuda O.W.)

MADALENA

E a minha prenda?

MIGUEL

Cala a boca, Madalena.

(O.W. coloca o fone no ouvido.)

(Silêncio.)

O.W.

Orson Welles na escuta. Na escuta. Pode falar...

(Silêncio.)

(Instantes.)

(O.W. se transforma. Fica a cada instante mais desesperado.)

(Enfim arranca o fone dos ouvidos e atira longe.)

O.W.

Fui despedido! Despedido! Meu novo filme vai ser cortado em pedacinhos!
Despedido! Em pedacinhos!

MALAQUIAS

A notícia fatal.

O.W.

Eles querem que eu volte... “Imediatamente, Mister Welles”, eles disseram.
Imediatamente para o olho da rua!

BENTO

A voz... Voz.

MIGUEL

A voz é do aparelho. Cala a boca, Bento.

MALAQUIAS

Vamos voltar para o acampamento de filmagem. É melhor. Paciência... Picaram um filme em pedacinhos... Paciência, Mister Welles, termina este que esta fazendo aqui no Brasil, para esfregar na cara depois o seu talento.

O.W.

Pode parar! Escuta! Não vou fazer mais filme no Brasil, na Sibéria e em lugar nenhum deste planeta! Se acabou! Fim! Estou desempregado e endividado!

(Silêncio.)

BENTO

A voz.

MIGUEL

Calado.

MALAQUIAS

Endividado... Como? Contou que seu pai era rico... E que nasceu em berço de príncipe.

O.W.

Isto é certo: meu pai tinha uma fortuna imensa. Metade gastou com minha educação, viagens, orgias e artes. A outra metade? Bebeu. Bebia da manhã à noite. Da champanhe ao conhaque... Quando eu tinha 15 anos, ele morreu. Morreu... Cuspia pedaços do próprio fígado em cima do sofá de um hotel em Paris.

(Neste instante Bento começa a se agitar, tenta conter o grito, coloca as mãos nos ouvidos e corre para o topo de uma duna.)

MIGUEL

Bento! Ordeno que pare já com isso!

MÃE

Não. Deixa. É a voz! Ele está escutando a voz da alma! É o Eterno.

O.W.

O que está acontecendo?

MALAQUIAS

Nada. Nada. É o rapaz que tem essas crises. Ele escuta vozes.

O.W.

Um doente...

(Bento joga areia para o alto. E, bastante atormentado, proclama.)

BENTO

Escuta a voz. A voz! Ela diz! Manda dizer... Que tio Malaquias vai embora no dia que aqui, neste areal... Aqui neste areal, três eventos se passem...

MÃE

Filho! Quais são os três eventos que ouviu?

BENTO

No dia que um homem se transformar numa mulher. É o primeiro sinal.

MÃE

O segundo sinal, filho. Qual é?

BENTO

Na noite que uma mulher se transformar em homem...

MÃE

Homem se transforma em mulher, mulher se transforma em homem.

BENTO

Então, tudo muda de lugar...

MIGUEL

Termina logo essa baboseira!

BENTO

A voz. A voz. Depois desses dois acontecimentos... Vai nevar sobre o mar do Ceará e em cima deste areal!

MALAQUIAS

Nevar? Aqui? Neve?

BENTO

Mulher vira homem, homem vira mulher e neva em lugar que não faz frio.

(Bento exausto cai de joelhos sobre a areia.)

(Madalena e a mãe atendem Bento, que respira e parece desacordado.)

(Silêncio.)

(O.W. começa a sorrir até rir às gargalhadas.)

MIGUEL

O que existe de tão engraçado, mister?

O.W.

...Despedido. Endividado. E ainda perdido no Brasil, mas tendo como conselheiro um rapaz que escuta vozes. Será que estou no Monte Sinai? Um esquizofrênico. Esquizofrênico... Deliroide. É estou delirando. *Whisky*, por favor!

(Instantes.)

(Cai a luz.)

(Sons de vento e mar.)

(Tudo escuro.)

CENA 6

CENA DO WHISKY (Dunas / Água / Céu / Fim da tarde)

(Luz focal sobre O.W.)

(O.W. está jogado sobre a areia. Segura uma garrafa vazia de whisky, enquanto bebe no gargalo de outra que já está pela metade.)

(Ao seu lado vemos Malaquias.)

(Silêncio.)

O.W.

O show de mágica foi um desastre...

MALAQUIAS

Uma gente esquisita... Não foi por falta de aviso... Eles não tem gratidão. Não sabem nem bater palma... Agora chega de conversa e de beber. Passa a garrafa!

O.W.

Não!... Serviçal.

(Silêncio.)

MALAQUIAS

...Mister Welles... Precisa mudar de humor, ficar mais risonho. Esperto. Muita bebida faz mal ao organismo.

O.W.

Quê? Organismo. É o fígado que faz mal ao *whisky*! Quando drogado, o organismo só se preocupa com a mente. E a mente só tem desejo de mais desejo pelo... Vício.

MALAQUIAS

Cuidado com o desejo, mister. Só ele é capaz de derrotar os planos mais perfeitos.

(*Instantes.*)

O.W.

Onde está o rapaz esquizofrênico? Ele precisa de tratamento...

(*Silêncio.*)

MALAQUIAS

...Mudando de tema... Me explica direitinho o que é *flashback*. Assim... Com exemplo prático. Porque tenho quase certeza de que foi essa invenção que destruiu sua carreira. O *flashback*.

(Silêncio.)

O.W.

Olhe para a água. Ali. Aquela língua de água.

(Parte da água se ilumina.)

(O.W. aponta.)

O.W.

Lembra agora. Um fato que se passou ali sobre a lâmina d'água e que te marcou para sempre. Pode ser feliz ou infeliz, não importa. O essencial é que tenha sido marcante. Olha para a água! Conte algo inusitado que só você sabe, sentiu e viveu. Mas que seja uma revelação para os outros seres humanos. Vamos! Conte! Uma revelação para o mundo inteiro e principalmente para você.

(Silêncio.)

MALAQUIAS

Foi no amanhecer. Não... Uma tarde ofuscante... Vi Madalena toda colorida... A paisagem nítida.

(Mudança de luz sobre a água.)

(Entra Madalena pisando na água.)

(Instantes.)

(Depois ela suspende o vestido, se coloca de cócoras e olha para a água.)

(A água brilha.)

MALAQUIAS

Só passava um vento morno. Não havia voz nem ruído, era só ela pisando na água. Parecia uma santa caminhando sobre a água. Era a criatura mais doce e graciosa... Foi então que da água nasceu algo impossível.

O.W.

Isto é um *flashback*. Eu também estou vendo. Prossiga. Vamos ao inusitado!

(Subitamente a água se torna vermelha aos pés de Madalena.)

(O céu fica azul e a areia iluminada.)

MALAQUIAS

O céu azul. A areia branca e a água vermelha. Vermelha. E ela virou mulher! Moça! Sangrou pela primeira vez! Eu, um homem, assisti à uma menina se transformar em moça! E o pior está para vir... A ternura que sentia se foi, a graciosa criatura se desvaneceu, e surgiu em mim um desejo de possuí-la. Só possuir a fêmea... Me senti um animal. Um bicho.

(Instantes.)

(Tudo escuro.)

CENA 7

CENA DO FOGO

(Dunas / Local indeterminado / Noite)

(É noite.)

(Luz azulada se estende sobre as areias.)

(Existe uma pequena fogueira acesa, espécie de bico de fogo, que nasce no centro do cenário.)

(Não existe nenhum outro objeto, nem radiotransmissor, garrafas de whisky, etc.)

(Junto ao fogo vemos Bento. Ele veste um casaco branco.)

(Em pé, vemos Miguel, o pai.)

(Eles discutem.)

MIGUEL

Nunca mais! Nunca mais! Fui claro?

(Miguel dá uns chutes em Bento.)

BENTO

Não fiz de propósito. Não posso controlar.

MIGUEL

Não sabe nem acender um fogo!

BENTO

Por favor, me deixa...

MIGUEL

Na frente de um estranho mostrando seu poder. Se exibindo como uma mulher da vida. Arreganhando a debilidade da família para um forasteiro!

BENTO

Não tenho controle... Os eventos ocorrem na minha cabeça...

MIGUEL

Calado! Os maiores eventos do mundo acontecem na cabeça das pessoas... Além do mais um aviso impossível de acontecer. Nevar no mar do Ceará!... Agora mesmo que o Malaquias vai ficar aqui para sempre.

BENTO

Então... Quer dizer que acredita em mim.

(Silêncio.)

MIGUEL

...Imbecil. Esquizofrênico... Por que está de casaco numa noite quente?

(Instantes.)

BENTO

Sinto frio.

MIGUEL

Doente mesmo. Vai, tire o casaco antes que fique sujo de fuligem.

(Bento se afasta.)

MIGUEL

Vou chamar o Malaquias... E não deixa o fogo apagar.

(Miguel sai.)

(Instantes.)

(Bento se aproxima e observa o fogo. Chama única que sai de um montinho de areia.)

(Surge Madalena.)

(Silêncio.)

BENTO

Por que o pai me odeia?

MADALENA

Porque tem inveja de você.

BENTO

Inveja do próprio filho?

MADALENA

É assim que sucede. Pai expulsa filho.

(Silêncio.)

MADALENA

Por que está de casaco?

BENTO

Febre.

MADALENA

Mentira. O que está escondendo?

BENTO

Uma vergonha.

MADALENA

Conheço muito bem suas artimanhas. E alguma fez! Bento, abre o casaco.

BENTO

Perdoo todo mundo e ninguém me perdoa. Por quê?

MADALENA

Abre o casaco, irmão.

(Bento fica de costas para a plateia e abre o casaco para Madalena.)

BENTO

A camisa ficou suja.

MADALENA

Abre.

(Bento abre o casaco e mostra a camisa só para Madalena.)

(Madalena fica perplexa.)

MADALENA

Bento! Mas o que é isso!? Como... Não pode ser o que estou pensando.

BENTO

Foi por curiosidade... Não fiz por mal.

MADALENA

Se eles souberem... O pai disse para ninguém se aproximar...

BENTO

Sei. Sei! Ninguém chegar perto! Mas e agora? É a minha melhor camisa. A mãe vai perguntar...

(Instantes.)

(Bento retira o casaco e se vira para plateia.)

(Sua camisa e corpo estão completamente manchados de óleo. A visão é inesperada.)

(O óleo é espesso e violáceo. É óleo de motor de carro.)

BENTO

Não resisti... Um *jeep*, ali na minha frente... Entrei, toquei nos cromados, alisei o encosto... Um *jeep* com direção! Depois fingi que estava dirigindo por uma estrada enorme... Sem fim. Meu coração batendo como se

estivesse doente.

MADALENA

Seu corpo está ensopado em óleo. Óleo de motor! Mexeu onde?

BENTO

...Foi quando fui brincar de mecânico... Entrei debaixo da máquina e abri uma torneirinha... Uma arruela sem graça nem valor.

MADALENA

O óleo escorreu todo?

BENTO

Saia muito óleo, Madalena. Escorria por toda a parte e, por mais que tentava, o mecanismo não obedecia o caminho de volta... Usei todos os estratagemas. O óleo não deixava! Escorregava.

(Instantes.)

BENTO

Desisti de brincar... De imaginar que fugia pela estrada... O *jeep* urinou até ficar vazio... Então pus a arruela no lugar e apertei a torneirinha... Tapei a mancha de óleo com areia.

(Silêncio.)

MADALENA

Quer dizer que o *jeep* não funciona mais...

BENTO

Não foi de propósito.

MADALENA

Tio Malaquias não vai ter como sair daqui.

BENTO

Não foi de propósito.

MADALENA

Não importa. Tanto faz. Continuo acreditando que vai nevar.

(Instantes.)

MADALENA

Vai no tacho das roupas e pega a camisa azul. Deve estar úmida. Aproveite e se lave.

BENTO

E o que faço com essa?

MADALENA

Enterra. Outro dia se desenterra... Dou um jeito. Lavo mil vezes.

BENTO

Enterro onde?

(Silêncio.)

BENTO

Vou enterrar perto da mulher de areia... Não parece uma boa ideia?

MADALENA

...A mulher de areia... É. Faz isso.

(Bento se retira.)

(Instantes.)

(Entra Eva, a mãe, carregando duas pilhas de tigelas de barro coloridas enroladas em panos brancos.)

MÃE

Madalena! Me ajuda com as tigelas do jantar. Acabei de tirar do fogão.

(Madalena e a mãe levam as tigelas enroladas nos panos para junto do bico de fogo.)

(Conversam.)

MÃE

Onde está todo mundo?

MADALENA

Por aí. Mas com cheiro de comida aparecem.

MÃE

Preciso falar.

MADALENA

O quê?

MÃE

Ai! Minha mão dói... Essa ferida que não cura... Piora com o calor do fogão... Madalena, se lembra das palavras do mister... Princesa do areal, desejo dos desejos, a tal sensação extraordinária de um homem dentro de uma mulher...

MADALENA

Não precisa continuar...

MÃE

Ele está interessado. Isto basta. Homem rico, letrado e dono do mundo...
Raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

(Silêncio.)

MÃE

Sai deste fim de mundo, filha. Se entregue a ele antes que seu pai te agarre...

MADALENA

O pai?

MÃE

É. Homem é tudo igual, mas tem uns mais diferentes que os outros... Que seja o gringo que te deflore.

(Silêncio.)

(Surge O.W.)

(Ele veste somente calça branca. Tórax está desnudo e os pés descalços.)

(Instantes.)

(Sofre de uma terrível ressaca.)

O.W.

Aspirina... Alguém tem uma aspirina? Meu reino por um frasco de aspirina.

(Silêncio.)

O.W.

...Dormi tão profundamente que me transformei num sarcófago. O desagradável é que minha cabeça ainda não saiu dele.

(O.W. sorri.)

MÃE

Isto é ressaca, mister. Ferida de cachaça na cabeça... Cura logo.

O.W.

Bingo.

(Eva mostra a mão com o curativo.)

MÃE

Olhe! Essa chaga na palma da mão é difícil de curar. Tenho uma doença que o sangue não para de jorrar. Um corte pequeno é uma sangueira. Quase já morri várias vezes.

(Instantes.)

O.W.

Onde está o Malaquias?

MÃE

Está vindo para jantar. Vai aparecer. Não quer comer?

O.W.

Só como rosbife, purê de batata e chocolates suíços. Está tudo no *jeep*... Enfim, os produtores, quer dizer, meus ex-patrões, o seguro, o contrato e o povo americano me proibiram experimentar comida local brasileira. Precaução contra desarranjos intestinais, amebas, bactérias... Esqueça.

MÃE

Faz muito bem. Essa comida nossa não presta... É sem graça. Simples. Coisa de mundo pobre e alma pequena.

(Instantes.)

MÃE

Filha... Chame o mister para se juntar ao fogo.

O.W.

É o seguinte, senhora: resolvi voltar... Quero ir embora o mais depressa possível. Lembrei que tem um voo regular para o Rio de Janeiro... Um DC3... E do Rio, com a ajuda do embaixador americano, ele tem uns contatos excelentes... Necessito falar com o Sr. Rockefeller. É inacreditável que cheguei a esta situação... Dor de cabeça... Onde está o Malaquias? Quero ir embora. Malaquias!

(Silêncio.)

MADALENA

Escutou, mãe... Um homem tão importante assim não vai querer sentar ao meu lado.

(Instantes.)

O.W.

Desculpe... Claro... Claro que sim.

(O.W. senta-se ao lado de Madalena.)

(Instantes.)

MÃE

Quer beber caldo de cana? Não é muito doce não. Coloco flor azul de cipó. Fica mais digestivo.

(Madalena serve um copo branco feito de casca de ovo de aves selvagens.)

MÃE

É a Madalena que faz esses copos... Ela vai na borda da água, recolhe os ovos grandes das aves selvagens, seca e transforma nesta utilidade.

(Eva levanta o copo.)

O.W.

O engenho humano...

MÃE

Também não cozinho. A ferida na palma da mão não permite. Tenho medo de me cortar. É Madalena que cozinha para a família. Foi ela que preparou essa refeição.

(Silêncio.)

MÃE

E existe mais um segredo sobre ela.

MADALENA

Mãe.

MÃE

Deixa... Escute! Ela faz esculturas na areia. De pessoas. Plantas. Rosas. Ela gosta de fazer rosas de areia. Depois vem o mar e o vento e leva tudo.

O.W.

...Um talento artístico...

(O.W. está sem reação.)

(Instantes.)

MÃE

Sua cabeça deve estar doendo muito. Seu pensamento não consegue ir para lugar nenhum. É como atirar a vida ao vento, o destino fica sem direção.

O.W.

Preciso de aspirinas.

MÃE

Presta atenção. Tem uma espécie de erva que se usa por aqui. Só com uma lasquinha a aflição na cabeça se acaba. Ela entorpece a mente como uma reza.

MADALENA

Não é erva. É um cacto cheio de espinhos.

MÃE

Tiro os espinhos. Tomo cuidado. Mal não pode fazer. É inofensivo até para criança... Vou tomar cuidado. Não se preocupe filha.

(Eva, a mãe, pega uma faca.)

(Silêncio.)

MÃE

Está resolvido. Vou lá no espinhal cortar um pedaço de cacto.

(Mãe vai saindo.)

(Instantes.)

MÃE

Mister Welles, só mais um porém... Por favor, desculpe aquela crise do meu filho. O Bento ainda é um sonhador, não se acostuma com a idade.

O.W.

Sinto dizer, mas... Ele é doente. Escuta vozes. Precisa consultar um médico... Talvez tomar remédios... Se quiser levo comigo no *jeep* e arranjo ajuda médica no hospital da cidade. Depois ele volta sem ouvir vozes.

Garanto.

MADALENA

Mãe...

MÃE

Disseram que ele sofre de imaturidade precoce.

O.W.

Imaturidade precoce?

MÃE

É. Uma pessoa que ficou sábia antes de ficar velha. Um sábio que não chegou à velhice. É difícil de entender... Ao contrário do que se imagina, mister, todo mundo envelhece, mas só uns poucos ficam sábios... Meu filho Bento é justamente o contrário disso... Vou para o espinheiro.

(Instantes.)

(A mãe se retira.)

MADALENA

Não quer saber o que tem nas tigelas?

O.W.

Por que me olha assim?

MADALENA

Me deve a prenda da mágica... Fiquei sentida.

(O.W. sorri.)

O.W.

Mil desculpas, senhorita. O erro será corrigido.

MADALENA

É mágico mesmo?

O.W.

Profissional... Fui aluno prodígio de Baltimore, na escola Nacional de Ilusionismo... Se quiser faço uma mágica com essas tigelas fumegantes.

MADALENA

Faz.

(O.W. vai tirando a tampa das tigelas.)

O.W.

E o que temos nesta tigela?

MADALENA

Palmitos frescos para comer com as ostras que estão naquele cesto.

(Reação de satisfação de O.W. Ele abre outra tigela.)

O.W.

E nesta outra?

MADALENA

Quantos anos tem?

O.W.

Vinte e oito... e você? Não me diga. Não quero saber.

(Instantes.)

MADALENA

Por quê?

O.W.

...Tenho medo de me sentir um pecador...

(Silêncio.)

MADALENA

Não escutei.

(O.W. aponta para outra tigela.)

O.W.

Esquece. É a dor de cabeça. E naquela?

MADALENA

Peixe ensopado com camarões. Ali arroz branco. E nessa, lagosta grelhada com lascas de caju. Depois doce de abóbora e queijo branco... Quer beber caldo de cana com flor azul de cipó?

(Instante.)

O.W.

Sinto muito. Não posso fazer mais nenhuma mágica.

MADALENA

Por quê?

O.W.

Porque já fez a maior de todas... Abriu meu apetite. E todos os desejos. Os mais vorazes também. Todos eles reunidos...

(O.W. sorri enquanto olha encantado para Madalena.)

(Ela sorri e sustenta o entreolhar.)

(Instantes.)

(Ela coloca o copo feito de ovo nos lábios de O.W.)

(Cai a luz lentamente.)

CENA 8

CENA DO CACTO (Espinheiro / Céu / Noite)

(Sobre o céu fundo infinito se projeta a sombra de um enorme espinheiro tão majestoso como intrincado e ameaçador.)

(Num canto do palco, alguns cactos são iluminados.)

(Instantes.)

(Eva, a mãe, surge nos cactos.)

(Ela traz a faca cuja lâmina reluz.)

(Instantes.)

(Eva corta um pedaço do cacto.)

(Neste momento, no espinheiro projetado no céu fundo infinito do palco, surgem as sombras destorcidas de Malaquias e Miguel.)

(Eva se esconde entre os cactos.)

(Malaquias e Miguel conversam e caminham. Entram em cena.)

(Foco luminoso alcança ambos.)

(Eva se mantém escondida, mas escuta a conversa.)

(Malaquias tem dependurada no pescoço uma máquina fotográfica.)

(Cai luz nos cactos.)

MALAQUIAS

Ele estava aqui?

MIGUEL

Estava caminhando sem rumo. Parecia grogue.

MALAQUIAS

Será que se meteu no espinheiro?

MIGUEL

Sem camisa e descalço. Se não for picado pelos espinhos será pelos escorpiões.

MALAQUIAS

Que perigo. Estava dormindo. Praticamente desacordado. Não se pode deixar um americano solto... Nem por uma fração de segundos.

(Instantes.)

MIGUEL

Vai por ali. Naquela direção.

(Silêncio.)

(Malaquias se incorpora. Muda de intenção.)

MALAQUIAS

Quer me desgovernar. É farsa. Mentira, Miguel. O mister nunca trilhou essa alameda!

MIGUEL

É mentira sim. Quero ter uma conversa particular. Veja bem! Olha o que faço com isso!

(Miguel abre com ímpeto um saco de pano.)

(Ele retira e atira no chão o dólar de ouro e as flores.)

MIGUEL

Desprezo. Tudo falso! Falso! Desprezo. A moeda não vale nada! O dólar de ouro é de lata! As flores de papel! Mágica!? Circo para os tolos! Pensa que sou cretino? Sou um homem! Adulto... Por que veio fazer mágica no fim do mundo? Por quê? A mágica dele não me serve de nada! Nada. Só atrapalha.

MALAQUIAS

Porque a cabeça do mister é diferente. É de artista... E chega de ser torto e encontrar infelicidade em tudo!

MIGUEL

Tudo sem pé nem cabeça. O que estão tramando?

MALAQUIAS

Tramando... Mister Welles? Um homem que tem tudo do bom e do melhor... Difícil querer perder seu tempo com uns despossuídos.

MIGUEL

Despossuídos. Mas é ele que está desempregado e endividado.

MALAQUIAS

Ele veio fugir dos problemas... Esfriar a cabeça. Beber. Já expliquei mil vezes! Passear pelas dunas. Estudar a luz. Se inspirar... Imaginar novos filmes.

MIGUEL

Divertir-se! Entendi: os palhaços do circo somos nós.

MALAQUIAS

Miguel... Não vá adiante. Não existe futuro neste raciocínio. É como trilhar a ira dos fanáticos.

MIGUEL

Não. É como enxergar um espinheiro de maldades... Qual deles, Malaquias? Qual espinho precisa? Levar Madalena para vender perfume barato no cais? Talvez. Levar o Bento para ser atração na vitrine dos aleijões? Qual? Quanto será que eles valem? Quanto? Dois dólares, um, uma constelação de ouro perdido na imensidão do firmamento... Não interessa, não vem ao caso! Porque você é um maldito! Porque você é um maldito! Um homem que vive da queda dos outros! Tudo que toca apodrece! Apodrece! Não é por acaso que anda com o americano. Um fruto que já deu o que tinha que dar. Agora é só esperar que apodreça e caia da árvore da vida. Bem no centro do nada.

(Malaquias baixa a cabeça. Fica a ponto de chorar.)

(Instantes.)

MIGUEL

O que contou sobre a gente?

(Malaquias se recupera.)

MALAQUIAS

Pouco. Quase nada. Ele nem sabe que somos parentes.

(Instantes.)

MALAQUIAS

Mister Welles é um homem cheio de vigor. Jovem. Franco e boa pessoa... Paga bem. É até ingênuo. Não veio fazer maldade. Não veio fazer nada de errado... Foi uma série de coincidências. Parece coisa do destino. Ele queria tirar fotografias, depois pintar, depois chorar, rir... Não sei o que ele quer até agora... Destino. Só pode... Um menino mimado que deixa tudo jogado... Vê esta máquina? Novinha. Moderna.

(Malaquias mostra a máquina dependurada no pescoço.)

MALAQUIAS

Lente azul. Largada na areia... Encontrei por acaso... Por que não deixa ele tirar sua foto na jangada? Esqueça a constelação de maldades. Por um instante imagine a vela branca espetando o céu, o mar e sua figura na proa da janela. Na frente de tudo. O vento batendo na vela. Um mundo guardado num pedaço de papel. Só é belo e mais nada.

(Silêncio.)

MIGUEL

Não. Quero vocês fora do areal o mais depressa possível. A curiosidade se acabou. Não interessa como chegaram, nem por quê. Fora! Com ou sem homem virando mulher, mulher virando homem ou caindo estrume do céu. Fora!

MALAQUIAS

Agora? No meio da escuridão?

MIGUEL

O jeep não tem farol?

(Silêncio.)

MALAQUIAS

E a fotografia? Quando vai ter outra oportunidade? ...Registrado para sempre num pedaço de papel... É arte.

(Neste momento os cactos se iluminam e surge Eva com a faca na mão.)

(Ela grita baixo e assustada.)

(Instantes.)

(Malaquias e Miguel se viram perplexos.)

MÃE

Me espetei! Horror. Me ajudem! Estou presa no espinheiro! Socorro! Horror... Em cada poro uma gota vermelha. De cada ferida brota um rio de sangue. De cada corte escapole horror... Horror.

(A voz de Eva se perde.)

(Luz cai total.)

(Tudo escuro.)

CENA 9

CENA DA LUA

(Céu / Recanto das tigelas / Noite)

(Sobre o céu fundo infinito, se projeta uma enorme lua.)

(Pontuação musical.)

(A lua parece estar tocando a areia. Ela nasce total. A imagem lunar aproximada toma conta praticamente de todo o fundo infinito.)

(Na areia não existe mais fogo, só as tigelas coloridas e a caixa de mágica num canto.)

(O.W. e Madalena caminham em torno das tigelas enquanto conversam alegremente.)

(Parecem enamorados girando em torno de tigelas num fundo lunar branco e radioso. Por tudo intenso.)

O.W.

Xanadu! Xanadu! Mil vezes a palavra mágica!

MADALENA

Palavra que nunca ouvi... Parece oriental. Que significa?

O.W.

É o nome que dei para a casa do herói do meu filme.

MADALENA

Como era a casa?

O.W.

Imensa. Coleção de toda a arte do mundo! Esplendor imperial, dimensão épica, mistério, fascinação do proibido. Quadros, esculturas... O estilo neoclássico, barroco e moderno em harmonioso poder. Tudo conjugado para dar felicidade à casa de um homem só: o protagonista do meu filme... Xanadu era uma mansão feita de papel que abalou o edifício das tradições cenográficas! Foi um desastre.

(Madalena começa a rir.)

O.W.

Por que sorri? Foi um desastre...

MADALENA

Porque gostaria de morar nesta casa...

O.W.

Escuta... O olho de câmara observava salões, as portas se abriam, estátuas surgiam. De mármore. Tudo parado. Estático. De repente eu gritava: “Ação! Mova-se!” E o olho da câmara saía correndo pelos trilhos, muito mais potente que o olho humano, as lentes sugando os objetos de um modo jamais visto ou sonhado... E para quê? Para quê. Para decompor o tempo e multiplicar o ponto de vista dos personagens, levar a um lugar da arte que ninguém antes tinha pisado. No limite da criatividade!

MADALENA

É como pisar na lua!

(Silêncio.)

O.W.

É como pisar na lua... Pena que depois de se pisar pela primeira vez, o desafio definha, se acaba... o ímpeto adormece. É imbecil querer conhecer limites e fronteiras... E quando começo a agir como um imbecil, nada no mundo me segura...

(Instantes.)

MADALENA

Não fique triste.

(Instantes.)

O.W.

Gente sem caráter.

MADALENA

Quem?

O.W.

Meus ex-patrões. Não me importo com a moral, nem com a virtude de ninguém. Estou interessado pelo caráter da pessoa. Não gosto de monges, prefiro príncipes, sátiros e desocupados.

(Madalena estende o copo para O.W.)

(Instantes.)

O.W.

...Já me arrependo do pouco que vivi, e do resto que virá também... Não tenho paciência para a vida...

MADALENA

Beba. Caldo de cana.

(Ele bebe.)

O.W.

Preciso ir. Encontrar o Malaquias... Depois o embaixador... Rockefeller.

MADALENA

Não quer ouvir minha história?

O.W.

Claro. Pedi para me contar um *flashback*. Conte.

(Instantes.)

MADALENA

O *flashback* é o seguinte... Fecha os olhos.

O.W.

A história não pode ser inventada...

MADALENA

Já sei. Não é mentira. Tem que ter acontecido.

O.W.

Não confunda mentira com imaginação. Apesar de próximas são totalmente distintas. Imaginação é arte, mentira é uma forma de sobrevivência.

MADALENA

Pronto. Não vou mais contar. Acabou o *flashback*. Corta!

(O.W. fecha os olhos.)

O.W.

Tenho os olhos fechados. Não falo mais nada. Imóvel. Estou me transformando num espectador. Tudo escuro. Algo de impossível está a ponto de se tornar realidade. Primeiro o cenário... Sobre a areia...

MADALENA

Rosas. Aparece um tapete de rosas.

(Ilumina-se um tapete de rosas vermelhas estendido sobre a areia.)

O.W.

Estou vendo o tapete. Sinto até o odor...

MADALENA

De rosas?... Mas não são rosas mesmo. São as rosas que desenho nas areias.

O.W.

Não importa. Na imaginação tudo é normal. É a única façanha dos desencontrados. Continue... O que acontece no tapete de rosas? Qual é a cena?

(Instante.)

(Entra Bento. Está desnudo, mas todo o corpo está manchado de óleo.)

(As manchas oleosas servem para esconder as partes pudendas do ator.)

(O óleo brilha e escorre pela pele de Bento.)

MADALENA

O que acontece no tapete de rosas?

(Bento busca o tapete e vemos uma mulher desnuda.)

(Bento se deita sobre a mulher (pode ser um manequim) e faz amor com delicadeza.)

(Em torno deles vemos as rosas.)

MADALENA

Nada... É destruído pelo vento ou pelo mar... As rosas se vão... E surge uma mulher que esculpi com um barro especial, uma combinação de areias que faz o olho enxergar desejo onde só existe pó.

(Instantes.)

(Silêncio.)

(Local do tapete de rosas se apaga.)

(O.W. abre os olhos. Está perplexo.)

MADALENA

Meu irmão faz amor na areia. Com uma mulher de pó, que eu esculpi na terra para ele.

O.W.

Inusitado... Nunca ouvi uma história assim... É absurda. Ele faz amor na areia... Derrama seu leite sobre a terra. Fertiliza os grãos de areia.

MADALENA

O Bento nunca arranjou noiva ou namorada. Também, vivendo num areal...

O.W.

O Bento é doente. Esquizofrênico.

MADALENA

Ele é atacado por presságios! É doloroso viver assim. Sou irmã dele. Sei o que digo.

(Instantes.)

MADALENA

É como se ele visse, vivesse cenas do futuro... A voz do Eterno vai contando... Ele escutando... Ele fica sabendo pedaços da história que ainda não aconteceu.

(Instantes.)

O.W.

Pedaços de cenas. Pensei sobre isso.

MADALENA

O quê?

O.W.

Um personagem que vê cenas do futuro. Cenas que ainda não aconteceram no filme. Uma antevisão. Um flash do futuro. Seria bonito de se fazer, mas é impossível de dar certo.

MADALENA

Por quê?

O.W.

Porque as pessoas não entendem o que é um *flashback*. Imagine: uma antevisão, um flash forward. Será mais uma perturbação no relógio mental da humanidade.

(Silêncio.)

MADALENA

Queria ser americana.

O.W.

Como assim... Americana?

MADALENA

Loira. Cabelos curtos. Pose de mulher satisfeita.

O.W.

De onde tirou essa imagem dinâmica da mulher americana?

MADALENA

Numa fotografia da folhinha. Um calendário que passou voando pelo areal. Deve ter fugido do seu acampamento de filmagem.

(Instantes.)

(Silêncio.)

MADALENA

Me deve uma prenda.

(Eles se entreolham.)

O.W.

Vai na caixa de mágicas e escolhe o que quiser.

(Madalena abre a caixa de mágica. Tira uma garrafa de whisky.)

(Instantes.)

(Madalena por fim retira da caixa admirada parte de um tecido belíssimo. Seda pura. Prateado.)

MADALENA

O que é isto?

O.W.

Um tecido chinês. Pura seda prateada.

(Madalena deixa correr o magnífico tecido sobre a areia.)

MADALENA

Serve para quê?

O.W.

Para acarinhar o corpo amado depois do amor.

MADALENA

Venha comigo. Vou mostrar meu lugar secreto. Um esconderijo só meu.

(Luz cai suavemente.)

(Lua se desfaz.)

(Tudo escuro.)

CENA 10

CENA DA REDE

(Espinho / Rede nordestina / Dunas / Noite)

(A noite escurece e fica azulada.)

(Sobre o fundo infinito se projeta novamente, em sombras, o ameaçador espinheiro.)

(Miguel segura um lampião de querosene cenográfico.)

(A luz amarela do lampião e o fundo sombrio do espinheiro, compõem a luz.)

(A cenografia tem como destaque uma rede nordestina linda, azulada, com os babados típicos da região, esticada e pendente numa madeira roliça que Miguel e Malaquias sustentam nos respectivos ombros.)

(Os homens estão preparados para carregar Eva, a mãe, que está envolta em um pano branco com pontos de um vermelho vigoroso. Ela segura a faca.) (Não existem manchas de sangue ou extravagâncias sanguíneas.)

(Os pontos vermelhos no tecido se apresentam no limite do bom senso e gosto.)

MÃE

Não quero ir para lugar nenhum. Quero morrer aqui!

(Miguel levanta o lampião, enquanto sustenta o cabo da rede.)

(Malaquias mantém a outra ponta.)

MIGUEL

Suba na rede e não discuta. Vamos te carregar para o *jeep*.

MÃE

De cada buraquinho da pele nasce um ponto vermelho. Que sobe, estufa e se rompe em silêncio. São olhinhos invertidos que nascem no branco como cabeças de alfinetes. É o sopro da vida indo embora.

MIGUEL

Pare de se lamentar. Não seja teimosa. Ainda tem salvação.

EVA

Malaquias! Malaquias, a teimosia pode ser um afeto?... Malaquias! A teimosia pode ser um amor?

MALAQUIAS

Cala a boca, mulher. Não é hora de se falar sobre isso.

MIGUEL

Eva. Calada.

(Silêncio.)

MIGUEL

No *jeep* tem uma caixa de socorro americano.

MALAQUIAS

Mister Welles disse que os remédios são modernos. É do exército americano!

(Instantes.)

EVA

Quando Bento nasceu, precisou de três parteiras e todas as teias de aranhas da região. A hemorragia não parava. Doença de família no sangue... Mas não passei para os meus filhos. O castigo ficou só em mim. Nas minhas veias.

MALAQUIAS

Sobe na rede, mulher.

MÃE

Doença de família no sangue. Sou teimosa, as parteiras disseram. De uma teimosia torta. “Por que não quer se deixar morrer pelo castigo merecido?” – a parteira perguntou. “Quero ser mãe de um homem de bem” – respondi.

Ela riu e perguntou: “O que é um homem de bem?” ...Amo o Bento. Adoro meu filho e Madalena também. Que será dos meus filhos? Como vão viver sem minha proteção. O mundo é hostil.

MIGUEL

Quer morrer no meio de suas lamúrias? Ou prefere algum cuidado do gringo?

MALAQUIAS

Se deita na rede, a dor vai melhorar.

MÃE

Não sinto dor, Malaquias. Sinto uma sensação entre as coxas. Algo grosso e frouxo. Nem pesado, muito menos leve. Vivo e morto. Entre as pernas. Como se tivesse um culhão.

MALAQUIAS

São os coágulos de sangue.

MÃE

Não. Estou me sentindo homem. Uma mulher virando homem. Exato como disse o Bento! É o primeiro sinal.

MALAQUIAS

Por favor! Acabe com esta maluquice, pelo menos na hora de morrer.

MIGUEL

Quer que ela morra, Malaquias?

MALAQUIAS

Se quisesse não teria dado a ideia do *jeep*. Deixem de conversa.

MIGUEL

O que tem no *jeep* mesmo? Existe alguma armadilha?

MALAQUIAS

A caixa de remédios do Mister Welles! A roda! A direção! E o *jeep* anda!
Pode salvar a vida dela!

MIGUEL

Não precisa gritar!

(Silêncio.)

MÃE

Vou entrar na rede... Abre um pouco mais para lá o pano... Malaquias, não deveria ter voltado. Por que veio?

MALAQUIAS

Vim por acasos e coincidências. Já expliquei mil vezes.

MIGUEL

Isto não acontece na vida. Só no cinema.

MALAQUIAS

Só espero que não me acusem de sua queda nos cactos. Sou o culpado das feridas? Virei espinho, mulher?

(Eva larga a faca na areia.)

MÃE

Ninguém se transforma naquilo que já é.

(Mãe vai entrando na rede.)

Tinha uma ferida na mão. Depois que chegou, tenho pelo corpo inteiro. Acaso? Coincidência? Errei muito. Descosturei o destino, todos sabem. Me arrependo de cada instante da vida. Ouviu, Malaquias? Ouviu, Miguel?... Me arrependo. Mas não quero morrer! Não é o medo, é a ânsia. O espinho que a virgem Maria tem enfiado no coração, tenho em agulhadas pelo corpo! E todos me avisaram da desgraça: “Eva, não vá adiante!”, “Eva, não experimente o sabor do incesto!”

(Luz se concentra em Eva, a mãe, deitada e se cobrindo com a rede.)

(A faca brilha sobre a areia.)

MÃE

Experimentei e dele bebi todos os líquidos. Sou uma incestuosa maldita! Ouviram? Incestuosa! Cometi a transgressão dos deuses! A transgressão dos deuses... Não quero perdão. Escutaram? Perdão, não! Só peço resignação. Ouviu, Miguel? Malaquias? Só peço o mais pacífico dos sentimentos: a resignação. Me levem calados como se nós três estivéssemos preparados para a vida que não esperávamos viver.

(Eles se vão.)

(Ela fica largada e solitária na areia.)

(Instantes.)

(O ameaçador espinheiro projetado no fundo infinito se transforma.)

(Num movimento coordenado, as sombras, tal um caleidoscópio, formam uma figura surpreendente.)

(Trata-se de um escorpião gigantesco.)

(A imagem é impactante e inesperada.)

(Escutam-se ruídos sonoros distorcidos enquanto a sombra do escorpião abrange o cenário.)

(Instantes.)

(Luz sobre a faca desaparece.)

CENA 11

CENA DA CABEÇA

(Dunas / Recanto do escorpião / Madrugada)

(O escorpião projetado no fundo infinito reina sobre a cenografia.)

(É madrugada. Facho de luz tênue alcança Bento, que com o corpo coberto de óleo, mexe violentamente nas areias.)

(Ele destrói o corpo da mulher de areia. Começa pelos pés.)

(Um chumaço de rosas está jogado na areia.)

(Instante.)

BENTO

Não desejo mais seu corpo! Não me interessa mais suas pernas brancas e sem vida. Me dá nojo! As ancas de pedras, as tetas de barro e seus orifícios de mentira! ...Também não quero uma mulher de verdade! Porque não saberia o que fazer com a mulher... Nem com a verdade... Acabo com seus pés encravados na terra, o corpo que não se levanta, a mão que não move... Destruo os seios sempre empinados: as tetas abertas sem vontades. Os arrepios que não acontecem. Os leites que não escorrem, os cheiros que não possui. Destruo. Mulher feita de enfeites e defeitos! Rachaduras, fissuras e lombadas que fingem ser carne. Mas carne não é! Porque não morre. Areia não morre, nem nasce.

(Bento destrói o corpo da mulher de areia.)

(Só sobra a cabeça da mulher. Íntegra, espetada na areia.)

(E um chumaço de rosas vermelhas.)

BENTO

Sobrou só a cabeça. A cabeça que não pensa. Olhe, cabeça cega! Enxerga a madrugada? Escuta os escorpiões saindo das tocas?

(A sombra do enorme escorpião, se transforma em inúmeros outros escorpiões.)

(Feito um efeito de caleidoscópio, a multiplicação é súbita e surpreendente.)

(Instantes.)

(Bento aponta para os escorpiões.)

BENTO

Sabe contar quantos escorpiões estão se arrastando pelo areal? Pensa? Raciocina? Faz de conta?... Não. Não sabe nem beijar! Nunca me beijou. Sinto tanta falta de um beijo... Só um beijo na boca.

(Bento toca a cabeça de mulher imóvel pousada na areia.)

(Ao fundo, o mundo dos escorpiões.)

BENTO

Ali é o recanto dos escorpiões. Mas não importa... Os escorpiões são incapazes de envenenar o seu pensamento... Por que não existe discernimento num monte de areia... Na minha cabeça, não: existe pensamento. Está estabelecido na mente do homem o pensamento divino. Falo com o Eterno, decifro suas sentenças e conheço suas manobras.

(A projeção dos escorpiões perdendo nitidez.)

(As sombras desvanecem. Amanhece.)

BENTO

Amanhece. Os escorpiões se enterram. Fojem da luz.

(Instantes.)

BENTO

O pensamento divino é o único capaz de transformar aflições em felicidades... Monte de areia... Monte de areia... Mas, areia não precisa transformar aflições em felicidades! É coisa. Não conhece emoção. É areia.

(Instantes.)

BENTO

Um pó que o Eterno esqueceu de soprar!

(Os escorpiões desaparecem e o dia toma conta.)

BENTO

É coisa. Não pode ficar esquizofrênica, solitária. Sentir dores de cabeça. O Eterno não te alcançou, coisa. Porque no Eterno nem a luz consegue penetrar. O Eterno é além da luz.

(Bento se emociona.)

(Dunas, céu e língua de água iluminadas.)

(Bento, radioso em óleo, continua debruçado sobre a cabeça da mulher de areia.)

(Envolve a cabeça com as rosas.)

BENTO

É aquém da luz. O Eterno é um sopro. É um sopro na sombra. De repente é um vento que surge na sombra do nada... Na sombra do nada.

(Luz intensa sobre Bento.)

(Silêncio. Tudo escuro.)

CENA 12

CENA DO COQUEIRO

(Dunas / Água / Recanto dos Coqueiros / Dia)

(O dia torna-se radiante.)

(Areias brancas, água azul e o fundo céu se transforma num enorme coqueiral.)

(Sombras esverdeadas de coqueiros tortos, enormes e cobertos de folhas que se movem numa rapsódia tropical.)

(Entra O.W. com uma câmera de filmar portátil.)

(A caixa de mágicas está num canto.)

(Torce várias vezes a manivela da filmadora portátil, toda prateada e envolvida numa capa de couro.)

O.W.

Sombra de luz. Cinema não é só luz, nem sombras. É transformação. É o ser humano em movimento onde não se espera... Madalena... Sua figura será capturada pela película. Sua imagem atravessará gerações. Em movimento. Na ação de viver!

(O.W. coloca a câmera junto ao rosto.)

(Instantes.)

O.W.

Atenção, Madalena! Câmera pronta. Ajustada a luminosidade nas lentes e...
Atenção! Está pronta para ficar eterna? Ação!

(Ouve-se música.)

(Entra Madalena, lindíssima, só, envolvida no tecido chinês em seda pura prateada.)

(Instantes.)

(Ela caminha com graça e sorri. É bela.)

(Madalena atravessa os coqueiros projetados como se estivesse num filme estilizado e sofisticado.)

O.W.

Lindo. Perfeito. Parece Eva no paraíso. Vira para lá... Agora fala!

MADALENA

Falar o quê?

O.W.

O que quiser. Quero captar o frescor de seu rosto. Os lábios salivando palavras obscuras.

(Instantes.)

(Cai música.)

MADALENA

Feliz... Sou mulher... Mulher feita.

(Madalena sorri.)

O.W.

Continue. Uma mulher perfeita.

MADALENA

O mister é um homem experimentado.

O.W.

Até hoje: deflorei quatro virgens. Você foi a quinta. Faço mulheres com muita arte. Sou discípulo de Sático. Ouviu falar? Um professor grego romano. Também rompi a inocência de um rapaz de 13 anos. Foi no Reino do Ceilão. O costume é deles. Só preservei a tradição local.

MADALENA

Onde fica o Reino do Ceilão?

O.W.

Perto de Xangai. Na outra face do planeta, no inalcançável da geografia terrestre: na China!

MADALENA

Quero ser igual à moça da folhinha da América.

O.W.

Ela se chama Rita Hayworth. É a minha namorada. Vou me casar com ela.

(O.W. filma.)

MADALENA

Rita...

O.W.

Rita Hayworth, a atriz de Hollywood. A mulher mais desejada! A estrela maior. Está tudo arranjado. Sem ela não terei vida civilizada. Casamento de cartório e tudo.

MADALENA

Como vai sustentar ela? Está endividado.

O.W.

Ela vai me sustentar. Hollywood é assim. As pessoas que trabalham com a imaginação possuem uma moral muito particular.

(Instantes.)

O.W.

Aliás, Rita não é uma estrela. É uma deusa. Uma espécie de Planeta Fêmea da Mitologia. Ela precisa de mim para resplandecer. Das luzes das câmeras...

MADALENA

Então...

O.W.

Então. O quê?

(O.W. baixa a câmera.)

MADALENA

Corta. Corta! Então... Não vai me levar para o Reino de Xangai... Não vou ser americana. Não vou sair daqui?

O.W.

Um momento! Nunca prometi levar ninguém a lugar algum. Além do mais: me suplicou. Disse que queria ser mulher. O que aconteceu entre nós foi um desejo, não foi uma união de vida.

(O.W. coloca a máquina de filmar sobre a caixa de mágica.)

(Madalena estática, olhos perdidos. Depois retira o tecido chinês do corpo.)

O.W.

Porque fui falar da Rita Hayworth? Essa mulher só me traz problema. Até num deserto do Brasil, ela me alcança num calendário espirrado pelo vento.

MADALENA

Está apaixonado por ela?

(Instantes.)

O.W.

...Sim... No fundo estou.

(Silêncio.)

MADALENA

O que vai fazer comigo?

(O.W. fica calado.)

MADALENA

Nada... Nada. Sou o cabaço número cinco e só. Também roubou minha sombra na máquina de filmar.

(Instantes.)

O.W.

Onde está o Malaquias?

(Instantes.)

(Madalena se aproxima da máquina filmadora.)

MADALENA

Filme aquele coqueiro ali. O torto.

O.W.

Não. Já filmei todos os coqueiros. É hora de voltar. “The end”. Preciso do Malaquias. Acabou o filme.

MADALENA

Roda o filme. Quero ser Rita mais um tantinho.

O.W.

Malaquias. Malaquias!

(Instantes.)

(Madalena aponta.)

MADALENA

Olha lá! Não vê!?

(O.W. gira.)

O.W.

Uma vela branca tremulando. As jangadas. Será que ele está lá?

(Silêncio.)

MADALENA

Xanadu. Xanadu, três vezes!

(Neste instante Madalena rouba a máquina portátil de filmar e sai correndo de cena.)

(Reação de O.W.)

O.W.

Minha máquina. Madalena. Madalena!

(Cai luz geral.)

(Entra som de vento e ondas do mar.)

CENA 13

CENA DA JANGADA

(Dunas / Água / Recanto da Jangada / Dia)

(O dia é radiante.)

(Um enorme tecido branco desce do teto e cobre parcialmente o palco, principalmente a língua de água. É a vela da jangada.)

(O tecido ondula como apalpado pelo vento.)

(A imagem é poética.)

(Instantes.)

(Madalena está na água segurando a filmadora portátil numa das mãos.)

(Ela se agacha e com a outra mão parece lavar o entrepernas.)

MADALENA

Virei mulher. Sou mulher. Sinto um oceano dentro de mim... Desejo cumprido. Felicidade lograda... Sempre sonhei com este instante... Pensei que iria conviver eternamente com um oceano dentro de mim! Mentira. Xanadu. Tudo mágica falsa. Sua arte não presta, mister! Inventou o *flashback* e se esqueceu de olhar para o agora. Não quero mais lembrar deste *flashback*! Sabe por quê? O oceano se tornou uma água salgada que arde. Arde dentro de mim! Incomoda feito um mar de pedras. O oceano se tornou um pântano de ostras fétidas.

(Entra O.W.)

O.W.

Madalena.

MADALENA

Mister.

O.W.

Por favor, não jogue a filmadora no mar. Vai destruir imagens maravilhosas.

MADALENA

Mas não era eterno?

O.W.

Foi um modo de dizer.

MADALENA

Não sou burra, nem tola. Entendi perfeitamente: foi um modo de dizer que a palavra eterno sempre precisa de Xanadus para existir.

O.W.

A máquina, por favor, devolva. Madalena... Não estrague uma história tão bonita. Uma moça cheia de qualidades.

MADALENA

Uma mulher cheia de qualidades! ...Sei fazer copos dos ovos das aves selvagens... É uma arte?

O.W.

Certamente é uma mulher prendada.

(O.W. se aproxima da água.)

MADALENA

E as aves que não deixei voar por destroçar os ovos? É o quê? ...A comida que não cozinhei, as rosas que desenhei para o ar, o corpo de mulher que se desmonta com um tapa... Não dê mais um passo! Fique onde está! Para que serve tantas qualidades? Para o mister meter dentro desta máquina de filmar?

O.W.

É. E mostrar para o mundo.

(Silêncio.)

O.W.

Tenho uma prenda para você. Estava na minha caixa de mágica. É a mais cobiçada de todas. Sabe o que é? Um peso de papel.

(O.W. tira do bolso da calça um peso de papel redondo, onde flutuam partículas de neve.)

(Trata-se de uma cópia do famoso peso de papel vitrificado e com neve dentro, imagem final e emblemática do filme Cidadão Kane, de O.W.)

(O.W. mostra o peso de papel.)

O.W.

Este é um famoso peso de papel vitrificado que contém neve de mentira dentro. Se vira para lá, a neve cai para cá... Vê? É simples. Quase vulgar. Fascinante como todo brinquedo de criança. Ao morrer, o personagem principal do filme dos *flashbacks*, segura com força esta bola de vidro e com olhar enigmático, faz a plateia entender que apesar do poder que alcançou de ganância do dinheiro, das coisas ricas usufruídas, do prestígio saboreado, das mulheres que quis nas camas que escolheu na mansão Xanadu, nada conseguiu suplantar o universo dele: criança brincando na neve. Enfim, esse objeto representa sua mais pura felicidade. A mais íntegra das emoções. Aquela incapaz de ser recuperada por um *flashback*, seja ele qual for...

(Silêncio.)

O.W.

É seu. Aqui, dentro deste peso de papel, o *flashback* não entra. Não alcança. É o objeto mais valioso que possuo.

(Instantes.)

(Madalena começa a rir.)

O.W.

O que tem de engraçado? Foi verdadeiro o que disse! Onde está a graça?

MADALENA

Parece o sinal. O terceiro sinal. Nevar no mar quente. Os presságios de Bento.

O.W.

Não tem nada a ver com o sonho doente de seu irmão!

(Instantes.)

MADALENA

Quer trocar a filmadora pelo peso de papel? É isso?

O.W.

Sim.

(Madalena vai recuando na língua de água e sendo coberta pelo tecido branco (a vela da jangada), que cobre grande parte da água.)

O.W.

Por favor. A máquina.

MADALENA

Vem, aqui. Atrás da vela.

(Madalena desaparece.)

(O.W. vai atrás. Ambos detrás da vela.)

(Palco vazio.)

(Instantes.)

(Silêncio.)

(Subitamente ouve-se um grito de terror de Madalena.)

(O tecido branco docemente se move e revela o inusitado.)

(Mudança de luz.)

(Sentada na água, assim como a Pietá, Madalena traz nos braços o corpo inerte de seu irmão Bento. O corpo está sujo de óleo.)

(Em pé, segurando a filmadora e o peso de papel, está O.W.)

(Ambos perplexos.)

(Silêncio.)

(Madalena dá outro grito, inspira, para depois chorar um choro sofrido.)

MADALENA

Meu irmão... Bento. Morto. Morto. Inerte como sua mulher de areia.

O.W.

Que tragédia. O corpo está cheio de óleo. Ele deve ter escorregado das pedras, batido a cabeça e se afogado.

MADALENA

Não me interessa como morreu! Pobre de nós que teremos de enterrar seu corpo.

O.W.

Temos que chamar o Malaquias, seu pai... Malaquias! Malaquias! Por favor, alguém me escute! Socorro!

(Madalena se agarra ao cadáver.)

MADALENA

Ele morreu porque foi brincar no seu *jeep*! Ele está morto por sua causa!

O.W.

O quê? Não diga tolices!

MADALENA

O óleo do motor! O mister é o culpado! Veio se intrometer onde não devia!
Trouxe um *jeep* de verdade onde ele brincava de fugir!

O.W.

Do quê está falando? Está perturbada. Coitado do rapaz. Vamos chamar sua família e esclarecer o ocorrido. Esse acidente não poderia ter acontecido. Tenho que me comunicar com o acampamento... O embaixador.

(Instantes.)

(Madalena agora chora baixinho.)

(Mudança de luz.)

(O tecido branco baixa do teto e encoberta Madalena com o corpo do irmão inerte entre os braços.)

CENA 14

CENA DA FACA (Dunas / Céu / Dia)

(As dunas se iluminam.)

(O.W. caminha perdido para o centro do palco (areal)).

(Leva a filmadora e o peso de papel.)

(Instantes.)

O.W.

Me comunicar... O embaixador... Não... Melhor o Rockefeller, o homem mais rico do mundo...

(Estáticos numa duna estão: Malaquias, com a máquina fotográfica dependurada no pescoço, e Miguel, com o cavalete de pintor já visto no início do espetáculo.)

(Os três se encontram.)

(Silêncio.)

O.W.

Malaquias.

MALAQUIAS

Mister Welles.

MIGUEL

Minha mulher morreu, mister. Está lá no seu *jeep* num charco de sangue.

O.W.

O quê? Não.

MALAQUIAS

O *jeep* também está quebrado. Não anda.

(Miguel interrompe.)

MIGUEL

Calado, Malaquias!

(O.W. perplexo pousa a filmadora na areia.)

MIGUEL

Ela tinha uma doença no sangue. E morreu igualzinho ao seu pai. Ou foi sua mãe que morreu num banho de sangue? Não importa. Importa foi que Eva disse: “Estou virando homem, tenho um peso entre as pernas!”

O.W.

Miguel! Me escute, por favor, a situação é muito mais terrível! Não sei como posso explicar. É quase inimaginável...

(Miguel larga o cavalete.)

MIGUEL

Como dizia: falta a segunda sentença, que reza que um homem vira mulher.

(Miguel mostra a faca usada por Eva, a mãe.)

O.W.

Miguel. Um momento.

(Instantes.)

MIGUEL

Então pensei no livre arbítrio e fazer os acontecimentos com as próprias mãos!

(Miguel se aproxima de O.W.)

(Miguel se vira violento e enfia a faca entre as pernas de Malaquias.)

(O golpe é forte, intenso e seco.)

(Malaquias fica em estado de choque, perde a respiração e cai devagar na areia.)

MIGUEL

Safado! Te escolhi para virar mulher desde muito. Agora já tem um buraco entre as pernas!

(Instantes.)

(Malaquias vai morrendo.)

(O.W. senta-se na areia.)

MIGUEL

O mister que viu tantos homens morrerem, está vendo mais um. E virando mulher com uma fenda entre as pernas!

(Silêncio.)

(Instantes.)

O.W.

Por quê? Por que, Miguel? Para quê? Onde quer chegar? Para que serve tanta violência?

MIGUEL

Para provar que o ruim pode ficar pior. É um saco sem fundo!... Paraísos não existem, mister!

(Malaquias morre.)

(Miguel retira a faca do corpo de Malaquias.)

MIGUEL

O seu guia morreu. Guia! Empregado! Porque amigo, o Malaquias nunca foi seu!

(Miguel espeta, até o cabo, a faca na areia.)

O.W.

Do que está falando? Não entendo onde quer chegar.

MIGUEL

Mister. Um homem cheio de estudos, astúcias, foi incapaz de sentir que trouxe no seu *jeep* a maldade que queríamos esquecer! Não queríamos reviver o passado, nem rever Malaquias!

(Instantes.)

MIGUEL

Ele era um maldito! Maldito que teve intimidades com a própria irmã! E do pecado dos deuses nasceram dois filhos: Madalena e Bento. Ouviu bem? Entendeu agora? Malaquias e Eva eram irmãos! Eu, Miguel, sou apenas aquele que se passa por aqui para guardar nestes grãos de areias um segredo que não deve se repetir. Ouviu bem?

(O.W. segura o peso de papel e gira frente ao rosto. Parece ausente.)

(A neve de mentira move-se no interior do globo vitrificado.)

O.W.

A fábula do incesto.

MIGUEL

Fábula? Lenda? Verdade. No interior do Malaquias só existia volúpia! Reparou nos olhares que lançava para Madalena, a própria filha?

(Silêncio.)

(Instantes.)

MIGUEL

Mister. Cheio de estudos e astúcias. Artes e mágicas! Não preciso das artes, não ajudaram em nada! Sua pintura, a fotografia e muito menos a filmadora! Vou destruir tudo! Picar em pedacinhos! Só com desprezo e desdém! Seu talento aqui não faz efeito e nem tem sentido!

O.W.

Toda a razão. Sua mágica é mais poderosa que a minha. Foi aquém do que poderia ter imaginado. Destrua. Acabe com tudo. O que é a pintura? Um corpo de colorido errado, um ângulo de desenho chapado no branco da tela. Apesar disso a imaginação de quem vê se move. Como? Por quê? Não sabemos. E a fotografia? Tudo parado. Figuras petrificadas no tempo. Apesar disso nossa mente se move!... Nos filmes tudo se move! Para quê?

Para disparar numa velocidade incalculável a imaginação da plateia!...
Enfim, ao contrário do que Deus planejou, o homem tem uma tendência
para a imobilidade mental, e sem esses empurrões ainda estaríamos
comendo terra!

(Instantes.)

MIGUEL

Acabou? Não entendi. O discurso foi comprido demais.

(Silêncio.)

O.W.

O que pretende fazer comigo?

MIGUEL

Nada. Quero que retorne para o seu mundo. Volte para a América.

O.W.

É o que farei.

(Instantes.)

O.W.

Miguel... Infelizmente, tenho que dar uma outra notícia que vai precisar de toda sua força e resistência. Um acidente...

MIGUEL

Conheço a palavra “resistência”, mister. Aqui também se usa a palavra “resiliência” espécie de paciência infinita para suportar o pior dos piores. E continuar esperando. Resiliência! Esperar por esperar, porque a morte é certa.

(Instantes.)

O.W.

A notícia não é boa. É sobre o Bento.

MIGUEL

Não tenha medo. Conte. Não vou lhe fazer mal.

O.W.

Foi um acidente.

(Mudança de luz.)

(O.W. levanta a mão e mostra o peso de papel que brilha.)

(Luz se concentra em O.W.)

O.W.

Nas pedras. Ele subiu nas rochas, junto aos beijos do mar, na ponta dos musgos, seu corpo estava tomado por uma substância viscosa. O óleo deslizava pelos poros, abria crateras escorregadias e rompia o fino equilíbrio entre a vida e o infortúnio... O infortúnio venceu. Ele morreu.

(Luz se concentra no peso de papel na palma da mão de O.W.)

(Silêncio.)

(O.W. aperta o peso de papel e depois solta.)

(O peso cai na areia.)

(Tudo escuro.)

CENA 15

CENA DAS CIDADES

(Dunas / Céu / Noite / 1942)

(Rio de Janeiro / Noite / 1942)

(Nova York / Noite / 1980)

(Ouve-se o ruído do motor de um veículo. Dois faróis alcançam o palco pelas laterais.)

(Instantes.)

(A sombra de um militar projeta-se pelas dunas. Silhueta do quepe e do corpo.) (Silêncio.)

(O céu se acende e começa a nevar. Isto é, parece nevar na paisagem tropical: uma cortina de neve desce pelo céu.)

(Instantes.)

(O “cair da neve” é um momento inesperado.)

(Orson Welles de cuecas, arrastando suas roupas, é alcançado pela luz dos faróis. Sua entrada é súbita e intensa.)

O.W.

Socorro! Socorro! Impossível! Está nevando nos trópicos!

(A sombra do militar se mantém projetada sobre a cenografia.)

(No céu, fundo, neva. A voz do capitão é pausada e segura.)

CAPITÃO (off)

Mister Welles. Mister Welles.

(O.W., agitadíssimo, branda.)

O.W.

Socorro! Socorro! Está nevando no areal!

CAPITÃO (off)

Mister Welles!

(Instantes.)

O.W.

Está nevando no areal. Isto é impossível. Estou perdido. Estou delirando...
Delirando. O terceiro sinal.

CAPITÃO (off)

É verdade, Mister Welles. Parece neve, mas não é.

(Sobre O.W. começa a cair um pó branco, como se fosse um talco.)

(A cabeça de O.W. vai ficando branca.)

O.W.

Quem é o senhor?

CAPITÃO (off)

Sou o capitão Souza do Exército Brasileiro. Venho lhe resgatar. Levar para longe daqui.

O.W.

Está vendo a neve cair, capitão!

CAPITÃO (off)

Sim. Parece neve, mas não é neve. É poeira atômica. Devido à explosão da bomba atômica no Japão. Essa areia que parece neve é uma consequência inesperada dessa nova bomba. Enfim, os Estados Unidos ganharam a guerra. O mundo está livre!

O.W.

A guerra. Tinha me esquecido da guerra. Por favor, me ajude, o areal está cheio de cadáveres... Meu *jeep* não funciona, uma mulher morreu de hemorragia, o rapaz afogado e o outro... meu guia, assassinado.

CAPITÃO (off)

Esqueça tudo. Mister! Estamos nos trópicos. A justiça brasileira é muito complacente... Não se preocupe com as mortes, afinal o mister é americano. Vamos embora. Imediatamente.

O.W.

Eles morreram!

CAPITÃO (off)

Deve ter sido os escorpiões... Ou um afogamento. Isto acontece no litoral do Brasil. Vamos. É minha obrigação levá-lo para a cidade do Rio de Janeiro. E depois vou despachar o senhor para New York.

(O céu ao fundo começa a se transformar.)

(Instantes.)

(O.W., pouco a pouco, tem seus cabelos tingidos pelo pó branco que cai sobre ele.)

O.W.

Quem lhe mandou aqui? Diga a verdade, capitão!

CAPITÃO (off)

O Exército Brasileiro resolveu resgatá-lo a pedido de Mr. Rockefeller, o homem mais rico do mundo. Vamos para o Rio de Janeiro.

(O.W. vai vestindo um terno grosso e grande.)

(Com o cabelo branco, O.W. se veste e se transforma em um O.W. velho.)

(Instantes.)

O.W.

O que foi que ele disse?

CAPITÃO (off)

Quem?

O.W.

Mr. Rockefeller! O homem mais rico do mundo...

CAPITÃO (off)

Ele mandou um telegrama... Escreveu... Quer dizer, me parece mais uma maldição.

O.W.

O que está escrito no telegrama?

CAPITÃO (off)

Gosta do Rio de Janeiro? É uma pena que ficará tão pouco tempo por aqui.

(Sombras da orla do Rio de Janeiro são projetadas sobre o céu. Vê-se as formas do desenho das calçadas de Copacabana, as curvas agigantadas em preto e branco.)

(Instantes.)

O.W.

Quero ir para New York. Sabe o que está escrito neste telegrama?

(A sombra do Capitão desaparece.)

CAPITÃO (off)

Ele escreveu: “Que o cineasta Orson Welles viva uma espécie de ‘*flashback* dos *flashbacks*’, isto é, já inventou o bastante... Não precisamos mais dele... Agora é só ganhar dinheiro...”

O.W.

Só isso?

CAPITÃO (off)

Só.

O.W.

Quer dizer que estou condenado a viver de lembranças? Só de *flashbacks*? O melhor do meu discernir já aconteceu.

(Instantes.)

(O Rio de Janeiro se transforma na silhueta de New York.)

(O.W. está velho e gordo.)

O.W.

Tudo já aconteceu... New York. Adorava New York... E Paris. Tudo já aconteceu.

(Instantes.)

Doc Comparato 15/2/13 19:30

O.W.

É a mágica do tempo... Eu vi neve nos trópicos... e fui condenado ao *flashback* dos *flashbacks*... Nevou no areal...

(Instantes.)

(Foco sobre O.W. Um velho traga um charuto.)

(Lentamente luz cai de intensidade. A fumaça dança no espaço.)

(Tudo escuro.)

(Música.)

Copacabana, 29 de setembro de 2006.

Doc Comparato

TERMINA O ESPETÁCULO

Ao sair do teatro o espectador se depara com uma instalação sobre a bomba atômica.

São cartazes, imagens, ou até um desenho. Enfim, trata-se de uma pequena exposição.

O importante é que fiquem ressaltados os malefícios das armas nucleares.

DC

ANEXOS

DEPOIMENTO DE DOC COMPARATO

Faço minhas as palavras de O.W., em parte de sua entrevista para André Bazin, em Paris, 1950:

“Sou antimaterialista, não gosto nem de dinheiro, nem de poder, nem do mal que eles fazem às pessoas. É um sentimento antigo muito simples. E sou muito especialmente contra a plutocracia: foi a plutocracia americana que me destruiu.

“Shakespeare, a despeito de tudo o que se escreveu sobre ele, assim mesmo é um patife. Todos os grandes personagens de Shakespeare são patifes: são obrigados a sê-lo.

“Procuro sempre a síntese: é um trabalho que me apaixona, pois devo ser sincero em relação ao que sou e não passo de um experimentador; experimentar é a única coisa que me entusiasma. Não me interessa pelas obras de arte, pela posteridade, pela celebridade, apenas pelo prazer da própria experimentação: é o único domínio em que me sinto verdadeiramente honesto e sincero. Não tenho devoção alguma pelo que faço; é realmente sem valor aos meus olhos. Sou profundamente cínico em relação ao meu trabalho e à maioria das obras que vejo no mundo: mas não sou cínico em relação ao ato de trabalhar sobre uma matéria-prima. É difícil explicar.

“Não fico, portanto, em êxtase diante da arte: fico em êxtase diante da função humana, o que pressupõe tudo o que fazemos com nossas mãos, nossos sentidos, etc. Uma vez terminado nosso trabalho, ele não tem tanta importância aos meus olhos quanto aos da maioria dos estetas: é o ato que me interessa, não o resultado, a não ser quando dele emana o cheiro do suor humano, ou um pensamento...”

BIOGRAFIA SUMÁRIA DE O.W.

Segundo Martin Scorsese, “Orson Welles (1915-1985) foi o maior responsável por inspirar pessoas a se tornar diretores de cinema em toda a história”. O mais interessante é observar, no entanto, que Welles conseguiu esse feito tendo dirigido exatos 27 filmes entre os 113 que compõem sua extensa carreira, também como ator, roteirista, montador e produtor – brilhante, não há dúvida, mas inegavelmente repleta de atribulações. Aos 18 anos Welles já era um ator famoso no teatro experimental, na Irlanda. Um ano depois fez sua estreia na Broadway na montagem de *Romeu e Julieta*. Logo se tornou amigo do diretor e produtor John Houseman, para quem fez algumas colaborações. Foi Houseman quem levou Welles a participar do New York Federal Theatre Project, no qual estreou sua primeira montagem na produção e direção (a versão de *Macbeth*, de William Shakespeare, encenada no Harlem somente com atores negros). Da parceria de Welles com Houseman nasceu a companhia Mercury Theatre. Foram vários projetos, destacando-se *Julio Cesar*, de 1937, em que Welles escreveu o roteiro e ambientou a história na Itália fascista.

O nome de Orson Welles entraria definitivamente para a antologia das artes americanas no ano seguinte. Semanalmente, Welles transmitia pela rádio CBS um programa teatral de uma hora. Mas no Dia das Bruxas (o tradicional Halloween) de 1938, Welles entrecortou o programa narrando *A Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells, na forma de boletins. A notícia era a de

que marcianos haviam chegado à Terra e estavam em Nova Jersey. Dado o realismo da transmissão, milhares de pessoas entraram em pânico e começaram a fugir de suas casas. O sucesso foi imediato. Apressando-se em aproveitar aquele talento, executivos da RKO logo procuraram Welles e o levaram finalmente para Hollywood. O contrato, de US\$ 250 mil adiantados, previa dois filmes. Welles teria total liberdade de criação para produzir, escrever os roteiros, dirigir e atuar. Não bastassem tantas regalias, de forma inédita a RKO ainda prometeu porcentagem dos lucros.

Entre os vários projetos, um colocou Orson Welles no panteão dos grandes diretores. Em 1941 surgia *Cidadão Kane* (*Citizen Kane*), aquele que certamente justifica a afirmação de Martin Scorsese. Inicialmente chamado de *American, Cidadão Kane*, além de romper com a forma de se fazer cinema até então, inaugurava uma estética. Como foi dada liberdade a Welles, o jovem de 25 anos experimentou e revolucionou as técnicas de filmagem que até hoje são postas em prática: profundidade de campo, ação entrecortada num mesmo ambiente, planos longos, movimentos de câmera e edição rápida. Uma obra-prima considerada por dez entre dez especialistas o maior filme já realizado.

Mas *Cidadão Kane* causou a Orson Welles problemas imediatos. Primeiro, o diretor foi acusado de plagiar, com o personagem Charles Foster Kane, a vida de William Randolph Hearst, um dos mais influentes e poderosos homens da época e que por quarenta anos foi o maior magnata das comunicações nos Estados Unidos. O próprio Hearst encabeçou uma campanha para acabar com Orson Welles e seu filme. O chefe da MGM, Louis B. Mayer, foi um dos primeiros a abraçar o propósito de Hearst. Mayer chegou a mandar que um de seus executivos, Nicholas Schenck, ligasse para o presidente da RKO, George J. Schaefer. Schenck teria dito: “Louis (B. Mayer) me pediu para ligar e conversarmos sobre esse filme. Ele está preparado para pagar qualquer preço, o que considera 800 mil um bom

valor, se você destruir os negativos e todas as cópias.” Isso não aconteceu, claro. Mas apesar de o público e a crítica terem aceito *Cidadão Kane*, o filme deu um prejuízo inicial de aproximadamente US\$ 160 mil à RKO. Somente nos relançamentos é que o dinheiro começou a entrar – Welles ganhava 25% de comissão.

O jovem Orson Welles conquistou fama de maldito após o episódio. Em seu segundo filme, *Soberba* (*The Magnificent Ambersons*, 1942), decidiu imprimir na tela sua visão da sociedade americana. Utilizou praticamente os mesmos recursos técnicos que havia em *Cidadão Kane*. Assim que concluiu as filmagens, Welles veio ao Brasil para rodar o documentário *É Tudo Verdade* (*It's All True*). Enquanto isso, nos Estados Unidos, inadvertidamente os executivos da RKO decidiram editar *Soberba*. Cortaram 43 minutos. O diretor só ficou sabendo quando voltou do Brasil. Welles foi tomado pela decepção, mas ainda supervisionou *Jornada do Pavor* (*Journey Into Fear*, 1942), que assinou a direção (dizem que ele dirigiu por telefone) ao lado de Norman Foster. Assim que *Soberba* foi dado oficialmente como um fracasso comercial, Welles e toda a sua equipe foram demitidos da RKO. A partir de então, um dos maiores diretores de todos os tempos ficava com a sua reputação abalada.

Orson Welles foi, na verdade, como outros grandes e geniais artistas. O real reconhecimento de sua obra só veio muito mais tarde – por *Cidadão Kane* levou a estatueta de melhor roteiro; e em 1970 a Academia lhe concedeu um Oscar honorário pelo conjunto da obra. Sua filmografia, seja como diretor ou ator, inclui obras primorosas e inesquecíveis: *A Dama de Shangai* (*The Lady From Shanghai*, 1948), *Macbeth* (*Macbeth*, 1948), *Othello* (*Othello*, 1952), *A Marca da Maldade* (*Touch of Evil*, 1958). Welles era um gênio capaz de tudo para fazer cinema. Em toda a sua carreira envolveu-se em projetos diversos, apareceu como ator em filmes inexpressivos, fez narrações para a TV. Tudo para conseguir dinheiro e

produzir seus próprios filmes, o que nem sempre era possível. Muitos de seus projetos permaneceram inacabados, como o já citado *It's All True* e *Don Quixote*, filme este que Welles trabalhou durante dez anos – em 1986 chegou a exibi-lo em Cannes. Em tempo: George Orson Welles, seu verdadeiro nome (já assinou trabalhos como O.W. Jeeves e G.O. Spelvin), jamais ganhou um Oscar de direção. Welles morreu no dia 10 de outubro de 1985, em Hollywood.

CURRÍCULO DE DOC COMPARATO

O jornal espanhol *El País* assim o descreve:

“É um *expert* em dramaturgia, com a extraordinária qualidade de produzir e teorizar no mais difícil meio de comunicação de massa: a televisão. Se distinguiu ao por em prática conceitos pessoais e modernos que repercutem imediatamente no resultado final do produto audiovisual.

“O olhar agudo de Doc Comparato o converteu em um dos homens mais respeitados da Comunicação, contando com a vantagem de conhecer os pontos essenciais do telespectador como poucos o conseguiram.

“As oficinas, conferências e debates que propicia, deixam sempre nos participantes a necessidade de fazer uma melhor televisão no dia seguinte.

“É um dos mais importantes dramaturgos latino-americanos vivos.”

Doc Comparato:

É médico, dramaturgo, roteirista e escritor.

Nasceu em 3 de novembro, no Rio de Janeiro, Brasil, e foi fundador da Casa de Criação da Rede Globo. Seus trabalhos abrangem o teatro, o cinema e a televisão tanto no Brasil como no exterior. Sua carreira teve início no ano de 1978.

Possui sete prêmios internacionais, destacando-se a medalha de ouro do New York Films and Television Festival, e seu trabalho de coautoria numa minissérie com o prêmio Nobel Gabriel García Márquez. Também assinou as primeiras séries e minisséries da TV brasileira, que se tornaram clássicos.

Como didata e teórico em dramaturgia, escreveu o livro *Da Criação ao Roteiro*, pioneiro desta matéria em vários continentes. Seu último cargo universitário foi em 2004, em que foi professor de Roteiro da Escola de Cinema de Berlim.

Em teatro sua mais recente conquista foi a estreia de *Nostradamus* em Roma e o prêmio Ana Magnani. Acaba de escrever uma minissérie para a Polka Producciones em Buenos Aires. Atualmente vive no Rio de Janeiro.

CINEMA

<i>EL CORAZON DE LA TERRA</i>	(ESPAÑA/MADRI) 2002
<i>PIEGE</i>	(PARIS/FRANÇA) 1993
<i>ENCONTROS IMPERFEITOS</i>	(LISBOA/PORTUGAL) 1990/1991
<i>O TRAPALHÃO NA ARCA DE NOÉ</i>	(BRASIL) 1985
<i>O CANGACEIRO TRAPALHÃO</i>	(BRASIL) 1985
<i>O BOM BURGUESES</i>	(BRASIL) 1983
<i>HOSPITAL BRASIL</i>	(BRASIL) 1982
<i>BONITINHA MAS ORDINÁRIA</i>	(BRASIL) 1982
<i>O BEIJO NO ASFALTO</i>	(BRASIL) 1982 – Direção: Bruno Barreto

TELEVISÃO (AUTOR)

<i>MULHER</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1998
<i>A JUSTICEIRA</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1997/1998
<i>HOSPITAL</i>	(TV ANTENA – SPAIN) – 1997
<i>NA PAZ DOS ANJOS</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1996
<i>POBLE NOU</i>	(SCRIPT ADVISER – MINISERIAL CATALÃ TV) – 1996
<i>VISITA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) – 1995
<i>ARNAU</i>	(MINISERIAL / SPAIN) – 1994
<i>VÉSPERA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) – 1994
<i>FILOMENO, A MI PESAR</i>	(TV SERIAL / SPAIN TELEVISION) – 1993

<i>A BOCA DO DRAGÃO</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1993
<i>PROCURA-SE</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1993
<i>RETRATO DE MULHER</i>	(TV SERIAL / PORTUGUESE TV) – 1990
<i>THE GAME OF BILLION</i>	(DOCUMENTARY / LONDON TV) – 1990
<i>DUAS HISTÓRIAS QUE O DIABO GOSTA</i>	(PORTUGUESE TV) – 1990
<i>LOCOS POR LA TELE</i>	(SCRIPT ADVISER / SPAIN TV) – 1990
<i>THE TEM GOLF CLUBS OF PORTUGAL</i>	(TV DOCUMENTARY) – 1990
<i>ME AQUILLO PARA SOÑAR</i>	(SPAIN TV) – 1990 (com Gabriel García Márquez)
<i>A. E. I. O. URCA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1990
<i>CAMINS</i>	(TV3 / CATALÃ – SPAIN TV) – 1989
<i>NAZCA</i>	(SPAIN TV) – 1988
<i>LONGSDORFF</i>	(SOVIETIC TV) – 1988
<i>A BOCA DO INFERNO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1987
<i>TIETA DO AGRESTE</i>	(RAI / ITALIAN TV) – 1986
<i>O TEMPO E O VENTO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
<i>DUAS DAMAS, UM VALETE E UM MORTO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
<i>O INSPETOR GERAL</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A VIDA SECRETA DE BERENICE</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A PATA DO MACACO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A DAMA DAS CAMÉLIAS</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>MALU MULHER</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>LAMPIÃO E MARIA BONITA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>OS AMORES DE CASTRO ALVES</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>PLANTÃO DE POLÍCIA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1981
<i>E AGORA, MARCOS?</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1979

TEATRO (AUTOR)

<i>NOSTRADAMUS</i>	(ROMA / ITÁLIA) 2003
<i>NO CÍRCULO DAS LUZES</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2002
<i>MIGUELANGELO</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2001
<i>NOSTRADAMUS</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1999
<i>K. DANCE</i>	(PARIS / FRANÇA) 1989
<i>NOSTRADAMUS</i>	(SÃO PAULO / BRASIL) 1985/86
<i>A INCRÍVEL VIAGEM</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1984
<i>O BEIJO DA LOUCA</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1981

AS TIAS
O NOVÍSSIMO TESTAMENTO

(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1980
(SÃO PAULO / BRASIL) 1979

LITERATURA E DRAMATURGIA

SCRIVERE UM FILM
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONI
VON DER ENTDCKUN DES PARADIESES

(DINO AUDINO EDITORE, ITALY) 2002
(ROBIN EDIZIONI, ITALY) 2002
(ED. EICHBORN FRANKFURT, GERMANY)
2000

EL GUIÓN
EL GUIÓN
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES
ME ALUGO PARA SONHAR

(2nd EDITION PLANETA, MÉXICO) 2000
(3rd EDITION FOR LATIN AMÉRICA) 1999
(ED. PLANETA, ARGENTINA) 1998
(ED. PLANETA, MÉXICO) 1998
(ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1998
(ED. PLANETA, SPAIN) 1998
(ED. ROCCO, BRASIL) 1997
(ED. CASA JORGE EDITORIAL, BRASIL)
1997

ME AQUILLO PARA SOÑAR
EL GUIÓN
ME AQUILLO PARA SOÑAR
DA CRIAÇÃO AO ROTEIRO
ARNAU, ELS DIES SECRETS
DA CRIAÇÃO AO GUIÃO
DE LA CREACIÓN AL GUIÓN

(OLLERO E RAMOS EDITORES, SPAIN) 1997
(OFIC. PUBL. DEL CBC, ARGENTINA) 1997
(ED. VOLUNTAD, COLOMBIA) 1995
(ED. ROCCO, BRASIL) 1995
(ED. PROA, SPAIN) 1994
(ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1992
(INST. OFIC. RADIOTELEVISION
ESPAÑOLA, SPAIN) 1988

TV AO VIVO DEPOIMENTOS
PADRE CÍCERO
ROTEIRO, ARTE DA TELEVISÃO
EL GUIÓ

(ED. BRASILIENSE, BRASIL) 1988
(ED. RECORD, BRASIL) 1984
(ED. NÓRDICA, BRASIL) 1983
(UNIVERSITAT AUTÓNOMA DE
BARCELONA, SPAIN) 1983

EL GUION

(INST. OFIC. RADIOTELEVISION
ESPAÑOLA, SPAIN) 1983

EL GUIÓN
AS TIAS: TRAGICOMÉDIA EM 2 ATOS
O MELHOR DA CRÔNICA BRASILEIRA 2
SANGUE, PAPÉIS E LÁGRIMAS

(GARAY EDICIONES, ARGENTINA) 1983
(ED. ACHIAMÉ, BRASIL) 1981
(ED. JOSÉ OLYMPIO, BRASIL) 1981
(ED. CODECRI, BRASIL) 1979

LIVROS INFANTIS

A INCRÍVEL VIAGEM
NADISTAS E TUDISTAS

(EBAL, BRASIL) 1984

(EBAL, BRASIL) 1984

PRÊMIOS NACIONAIS

Prêmio na Categoria Conto da mais prestigiosa instituição no Brasil em 1978 (Concurso de Contos do Paraná)

Prêmio de Serviço Nacional de Teatro (SNT 1979 e 1980)

Eleito pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como o melhor autor de 1982.

PRÊMIOS INTERNACIONAIS

Prêmio de Melhor Filme no LALIFF 2007 – Los Angeles Latin International Film

Festival – Cinema – *El Corazón de la Tierra* – Inglaterra/Espanha (2007)

Prêmio “Ana Magnani” – Teatro – *Nostradamus* – Itália (2003)

Melhor Autor da Academia de Literatura Catalan – *Arnau* – Barcelona, Espanha (1995)

Coral Negro – Cuba – Melhor Minissérie e autor para *O Tempo e o Vento* (1986)

Prêmio da Crítica – TV Festival – Monte Carlo (1986)

Melhor Roteiro Original, Categ. Crianças e Adolescentes – Tomar Film Festival – Portugal (1985)

Festival de Televisão de Praga – Roteiro *Malu Mulher* – Regina Duarte, melhor atriz (1984)

Festival de Filmes e Televisão de Nova York, medalha de ouro, melhor roteiro original para minisséries. (1983) (TV Globo Production *Lampião e Maria Bonita*)

DE 1986 A DIANTE

Doc Comparato em 1986 foi fundador e coordenador do Departamento de Criação da TV Globo Network. Sua obra *Nostradamus* estreou em São Paulo e ficou em cartaz durante um ano.

Em 1987 trabalhou com Gabriel García Márquez (Prêmio Nobel) e escreveu a minissérie intitulada *Me Alugo para Sonhar* para a Productora International Network; e para a televisão soviética, a minissérie intitulada *O Homem que Descobriu o Paraíso* junto com o escritor russo Alexander Chlepianov.

Nos anos 1990 se mudou para a Europa onde escreveu para a TVE uma minissérie com Gonzalo Torrent Malvino, baseada no livro *best-seller* deste, intitulado *Fenomeno*; e *Arnau* para a televisão Catalan, a qual recebe o mais prestigioso prêmio de Barcelona, como melhor Autor da Academia de Literatura Catalan.

Logo em 1992 trabalhou em Portugal, na TV SIC e na TVI, como roteirista e cosultor criativo até 1994. Foi coordenador e fundador do máster em roteiros para televisão e cinema da Universidade Autônoma de

Barcelona. Também ocupou o mesmo cargo na Universidade Católica Portuguesa (PUC), e consultor do European Fund em Londres por cinco anos.

Em 1996 Doc retornou com sua família para o Brasil, onde retorna para Tv Globo. Escreve no Rio de Janeiro “A Guerra das Imaginações”, novela que foi editado no Brasil, Espanha, Portugal, Argentina, México, Itália e alcança a Alemanha em 2003.

De 2002 a 2003 viveu em Barcelona onde trabalhou como roteirista, além de ser diretor criativo da Prodigius Audiovisuais (TV-Movies Europeus) e também diretor da DEA (Augostini Planeta Corporation) para minisséries e grandes projetos audiovisuais europeus.

Em 2004 viveu na Alemanha onde foi professor da Escola de Cinema de Berlim e convidado de honra do Festival de Cinema (Urso de Prata – 2004).

Depois de escrever um filme em Belgrado, o roteirista volta ao Brasil e se torna consultor de criação de textos do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT – São Paulo / Brasil) onde desenvolveu um projeto intitulado *O Palácio* e um outro de telenovela.

Em 2005, viveu em Buenos Aires onde escreveu a minissérie *Talismanes* para Pol-ka Producciones. Trabalhou na Rede Record de televisão.

Em 2008, ministrou o curso “Personagem, dramaturgia y guión” na Escuela Internacional de Cine y TV – San Antonio de los Baños. Voltando ao Brasil, foi convidado pela *Academia*

Brasileira de Letras para ministrar o curso “Da Criação ao Roteiro”. Em outubro esteve em Medellin como conferencista para o XII Encontro Internacional de TV.

Em 2009, lança nova edição do livro “Da Criação ao Roteiro” pela editora Summus.

Em 2010, estréia sua peça “Lição Nº 18” que contou com sua filha, Bianca Comparato no papel principal (Teatro Poeira – Rio de Janeiro).

E ainda completou sua terceira trilogia teatral, chamada “Trilogia da Imaginação”, escrevendo as peças “Eterno” e “Jamais”. Textos inéditos.

Em 2012 recebe o Prêmio FyMTI (Festival Y Mercado de TV-Ficción Internacional), Buenos Aires, em Reconhecimento por sua trajetória e contribuição como autor de ficção em audiovisual.

Trabalhos específicos para a
Rede Globo



SERIADOS:

PLANTÃO DE POLÍCIA: (Criador e Autor)

22/06/1979 - CRIME DO VIDIGAL

06/07/1979 - VAMPIROS TROPICAIS

27/07/1979 - A VOZ DO ALÉM

24/08/1979 - VERMELHO 23

31/08/1979 - O ENIGMA DA PENSÃO DO RENO

28/09/1979 - BALÃO APAGADO

19/10/1979 - DESPEDIDA DE SOLTEIRO

30/04/1980 - O CAVALEIRO DO APOCALIPSE

28/05/1980 - NOS PORÕES DA LIBERDADE

25/06/1980 - O ARQUI-INIMIGO

09/07/1980 - O ACORDO

16/07/1980 - A DOCEIRA DE BANGU

01/10/1980 - O VENERÁVEL AZUL TURQUESA

15/10/1980 - PEGA

10/12/1980 - CAIXA DE SURPRESAS

17/12/1980 - CAMISA DE FORÇA

05/05/1981 - TREM NOTURNO

04/06/1981 - SANGUE, CALÇADA E MILK-SHAKE

11/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - I

18/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - II

25/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - III

03/07/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - IV

13/08/1981 - OLHO DA MORTE

03/09/1981 - O HERDEIRO

MALU MULHER: (Autor)

11/08/1980 - PARADA OBRIGATÓRIA

RETRATO DE MULHER: (Criador e Autor)

16/12/92 - ERA UMA VEZ...LEILA

18/05/93 - ERA UMA VEZ...MADALENA

A JUSTICEIRA: (Criador e Autor)

09/04/1997 - PREÇO DA VIDA

16/04/1997 - CINZAS NO PLANALTO

17/04/1997 - BALA NO TREM DE PRATA

23/04/1997 - O FILHO DA MADONA

30/04/1997 - O NAVIO LUMINOSO

07/05/1997 - VIAGEM AO INFERNO

14/05/1997 - ETERNOS DIAMANTES

21/05/1997 - MESMO QUE SEJA EU

28/05/1997 - FILHA ÚNICA

04/06/1997 - CRIADOR E CRIATURA

11/06/1997 - BALAS PERDIDAS

18/06/1997 - TREM DE PRATA

02/07/1997 - VIVER POR VIVER

MULHER: (Autor)

22/04/1998 - FATOR HUMANO

21/10/1998 - DE BRAÇOS ABERTOS

11/11/1998 - O NÉCTAR DA VIDA

13/04/1999 - VÍCIOS E VIRTUDES

01/06/1999 - PERFUME DO AMOR

27/07/1999 - LINDO MARAVILHOSO

07/09/1999 - A BELA ADORMECIDA

14/09/1999 - SABOTAGEM

09/11/1999 - O SEGREDO

MINISSÉRIES: (Autor e Criador)

26/04/1982 - LAMPIÃO E MARIA BONITA

10/01/1983 - BANDIDOS DA FALANGE

09/04/1984 - PADRE CÍCERO

22/04/1985 - O TEMPO E O VENTO

24/06/1990 - A,E,I,O...URCA

OUTROS TRABALHOS EM TELEVISÃO:

CASO ESPECIAL: (Autor)

10/05/1978 - E AGORA, MARCO?

02/01/1981 - OS AMORES DE CASTRO ALVES

QUARTA NOBRE: (Criador e Autor)

06/04/1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS

27/04/1983 - O INSPETOR GERAL

25/05/1983 - A PATA DO MACACO

08/06/1983 - DAMAS, VALETE E CRIME

31/08/1983 - MORTE NO PARAÍSO

05/10/1983 - A VIDA SECRETA DE BERENICE

26/10/1983 - DO OUTRO LADO DO TÚNEL

BRASIL 500 ANOS: (Autor)

02/07/1998 - BRASIL 500 ANOS

TRABALHOS COMO ATOR:

MINISSÉRIE

1984 - PADRE CÍCERO - (MACEDO)

1990 - A,E,I,O...URCA - (JUDEU JACOB)

1998 - LABIRINTO - (ELE MESMO)

TELENOVELA

1985 - A GATA COMEU - (ELE MESMO)

QUARTA NOBRE

1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS (GAROTO DA CLAQUETE)

*Ainda na Rede Globo, foi um dos criadores e fundadores da Casa de Criação da emissora nos anos 80.

OBRAS TEATRAIS DO AUTOR

TRILOGIA DO AMANHÃ©

(Peças escritas entre 1977 e 1982)

PLÊIADES ou Pequenas Cirurgias para Aracnídeos.

O BEIJO DA LOUCA© – (Prêmio Serviço Nacional do Teatro, Brasil, 1979)

O DESPERTAR DOS DESATINADOS©.

TRILOGIA DO TEMPO©

(Peças escritas entre 1985 e 2000)

NOSTRADAMUS© (O prisioneiro do Futuro) – (Prêmio ANA MAGNANI/STAZIONE, Itália, 2003/2004)

MIGHELANGELOS© (O prisioneiro do Presente) – (Para a comemoração dos 500 anos de descoberta do Brasil, 2000)

O CÍRCULO DAS LUZES© (O prisioneiro do Passado)

TRILOGIA DA IMAGINAÇÃO©

(Peças e projetos a partir de 2000)

SEMPRE© (Ou, o Caso da Moça de Gargantilha ou na Intimidade das Coisas) – (Escrito em Barcelona, 2003)

JAMAIS© (Calabar, um elogio à traição Ou Na posse das coisas) (Escrito em Barcelona, fevereiro de 2006)

ETERNO© (ou Xanadu, no limite da criatividade ou No inalcançável das coisas) – (Escrito em Copacabana, Julho de 2006).

OUTROS TEXTOS

A INCRIVEL VIAGEM© (Ou, O Inacreditável é Possível, o Impossível não é) – (1985 - Peça Infantil)

AS TIAS © com Aguinaldo Silva (1982)

LIÇÃO Nº 18© (1995/2004)

O DESPERTAR DOS DESATINADOS© (1987) (Revisto)

“A MISTERIOSA MORTE DO SUPREMO IMPERADOR DA CHINA e OUTRAS HISTÓRIAS” © (2011)